

ÍNDICE

1. Do aboio ao <i>bidonville</i>	11
2. De Peniche voam pombas...	69
3. Depressa e em força...	125
4. Na crista da crise/62	179
5. “O povo há-de ainda um dia...”	235
6. Paio humano	281
7. “Era de noite e levaram”	321
8. “Operação Outono”	367
9. Até o tempo era censurado!	423
10. Portugal/69	467

Para a pequena História:

A primeira versão destas estórias, que constituem um painel em carne viva dos anos 60, foi escrita entre Setembro de 1991 e Fevereiro do ano seguinte, consubstanciando um projecto televisivo com o título de *Minha loucura outros que me a tomem...*

O projecto inicial gorou-se e as estórias ficaram a aboborar.

A versão que agora vem a público é a reescrita daquele texto, feita entre 2005 e 2008. A verdade, porém, é que as estórias que aqui se contam são as mesmas e a História não se alterou. Ou alterou?

Nenhuma destas estórias é real, mas todas elas são verdadeiras, na medida em que todas resultaram de pequenos/grandes pedaços de histórias que na realidade aconteceram.

Jaime Galheiro

1

DO ABOIO AO *BIDONVILLE*

E se lá voltássemos – aos loucos e gloriosos anos sessenta. Para quê? Ora para quê! Para reviver, claro! Mas sobretudo para, neste exercício de ida e volta, tentarmos perceber onde e porque falhámos. Porque falhámos! Redondamente.

Não era nada disto o que a gente queria, mas foi isto o que a gente teve. Olhando para trás, até parece que o fim da vida vivida é desfazer o sonho que a informou! Somos uma nova geração de “vencidos”.

Mas não julgues tu que vou dar um tiro na cabeça, como fez o Antero, ou que me vou vingar, escrevendo uma qualquer reaccionária *cidade e as serras*, à moda do ex-progressista Eça. Não! Sou um cão sem coleira e, até ao fim, vou morder as canelas de quem me der pontapés...

Vem comigo. Vamo-nos pôr à boca do Outono de 59.

Portugal era, então, um país de campónios e pescadores, todos a molhar os pés no mar salgado do Fernando Pessoa que, ao tempo, ainda só era conhecido de meia dúzia de intelectuais. Quando lá chegarmos, está a amanhecer nas portelas mais altas das serras da Gralheira e Freita. Toques repetidos de um búzio marítimo percorrem as veredas da minha aldeia, anunciando a saída do “gado da vigia”. Ah! Tu não sabes o que era o “gado da vigia”. Mas eu explico: o gado da vigia era o gado que em todas as aldeias serranas se juntava para ser guardado no seu pascigo por um só pastor ou pastora, em determinado dia ou dias da semana. Cada “casa” indicava o seu pastor ou pegureiro (era assim que lá se dizia: pegureiro ou pegureira; pastor ou pastora eram termos finos de gente de vila ou de cidade!); repito, cada “casa” indicava o seu pegureiro para, conforme o número de cabeças de gado que tivesse, fazer a guarda durante um ou mais dias.

Pois, quando chegamos, está na hora da saída do gado.

O *uuuuuh* meio uivado e rouco do búzio percorre os caminhos, entra nas casas e repercute-se nos montes em volta, chegando até nós enrolado na humidade das névoas matinais.

Homens, mulheres e crianças apressadamente abrem as portas dos currais; as cabras e as ovelhas, com as suas crias atrás, saem e dirigem-se apressadas para o caminho que as levará ao seu pasto, caminho por onde

já seguem outras que vêm de mais abaixo. Atrás arreta a pegureira que delas só toma conta depois de entrarem no rebanho.

E é assim que todas, formando um tapete compacto de pêlo brilhante (das cabras) e de lã fofa (das ovelhas) se movem, vagarosamente, monte a cima.

A pastora, digo, a pegureira é uma mulher ainda nova. Poderia adiantar aqui que se chama Silvina (das silvas que nos enredam as pernas lá na serra e nos invadem o cultivo). A pastora Silvina, dizia eu, traz a capucha de burel que lhe cai da cabeça, como se fora um manto; traz a roca e o fuso, aquela enfiada na cintura e este metido na rocada; o cesto da merenda vem pendurado no braço esquerdo; o cajado, empunhado pela mão direita, volteia, se necessário, em círculo para encarrear o gado ou juntá-lo, se tresmalha.

Pouco a pouco, o tapete vivo vai ganhando a lombada da encosta, petiscando aqui e além, nas escassas verduras do caminho, embalado pelo guizalhar das campainhas e chocalhos, enquanto o sol se ergue vagaroso e afogueado por entre os lençóis brancos de nevoeiro e bruma que embrulham os morros mais baixos e descem até ao fundo dos vales onde cantam ribeiros...

– *Estás a exagerar no bucolismo!* – dirás tu na tua atitude “pós-moderna” de menino vilão (vilão de vila, entenda-se!) ou fidalgote emproado dos bairros citadinos...

A exagerar nada! Este género pastoril até pode ser que já não se use, mas este era o país que então tínhamos e, se queres mesmo vir comigo nesta travessia dos anos sessenta, tens de te despir da ganga literária que depois te foi carregando o espírito e envenenando a alma; tens de te afogar neste ruralismo medieval. Ou donde julgas tu que vem esse cantar de aboio que a pastora entoa? Com a voz e o canto, mais do que com o cão e cajado, ela prende a si as reses.

Ó riba, ó bai!
Ó riba, ó monte!

Bala, bala, bala, bai,
Bala, bala, bala, bai!

Sant'Antonho lev'ò monte
Sant'Antonho lev'ò gado
Sant'Antonho leva a mim!
Sant'Antonho me levar,
Sant'Antonho me levar,
Ninguém tenha dó de mim.

Bala, bala, bala, bai,
Bala, bala, bala, bai!

Eh cá pinta!
Chou! é-é-é-é-é!

Ó riba, ó bai!
Ó riba, ó monte!

Bala, bala, bala, bai,
Bala, bala, bala, bai!

Sant’Antonho gard’ò gado,
Sant’Antonho leva ao monte,
Sant’Antonho gard’à mim.
Sant’Antonho for prò céu,
Também vou prò pé de si.

Bala, bala, bala, bai,
Bala, bala, bala, bai!

Eh cá pinta!
Chou! é-é-é-é-é!

Ó riba, ó bai,
Ó riba, ó monte!

Bala, bala, bala, bai,
Bala, bala, bala, bai!

Eh cá pinta!
Chou! é-é-é-é-é!

Bala, bala, bala, bai!
Chou! chou! chou!

Bala, bala, bala, bai!
Chou! chou! chou!

Bala, bala, bala, bai!
Estrema, estrema!

Bala, bala, bala, bai!
Chou! Estrema! Estrema!

Que pena não ter aqui à mão, para poderes ouvir, a voz longínqua dessa pastora da Freita e da Gralheira. Foi essa a voz que Michel Giacometti

e Lopes-Graça, dez anos depois, recolheram no seu “Cancioneiro Popular Português”^{*}.

Quem então cantou para eles o “Aboio” que leste foi a mulher do mestre Silva, padeiro de profissão e músico por vocação. Mestre Silva dirigiu e dirige o Grupo de Cantares de Manhouce, praticamente desde a sua fundação, nos fins da década de 30. Foi ele quem descobriu a Isabel Silvestre que, nestes últimos trinta anos, se tornou na voz telúrica do Norte de Portugal. A Isabel Silvestre terá hoje a idade que Silvina teria, se a Silvina existisse...

Silvina chega ao pascigo que é um descampado que serve de logradouro da povoação e que os Serviços Florestais deixaram para que os habitantes dessa mesma povoação aí continuassem a apascentar seus gados como sempre o fizeram.

Esta espécie de redil está delimitado do terreno em volta, entregue aos Serviços Florestais, por marcos. No terreno da Florestal já existem sementeiras de pinheiros novos que os Serviços, que ali tinham chegado havia pouco mais de um ano, haviam semeado.

Atingido o compáscuo reservado ao povo, Silvina senta-se e começa a fiar. Vagarosamente, o gado vai-se espalhando-se ao ritmo da rapagem. E ela, descuidada, continua a cantar...

Lá longe, sem ela o saber, e encobertos pela ramagem e sombra de um milenar castanheiro, estão dois Guardas Florestais que ali vieram para vigiar o “gado da vigia”...

Se a gente estivesse perto, teria ouvido um deles dizer para o outro:

– Corre lá adiante que aquelas cabras vão entrar de certeza no terreno da Florestal.

Silvina, que estava longe, não ouviu, e o outro guarda, já na corrida, respondeu:

– Vamos ter hoje boa colheita!...

E Silvina continua a fiar e, enquanto fia, canta...

• • •

No Vale de Santarém, a Joaninha dos olhos verdes chama-se Maria e tem olhos castanhos. Na fábrica de enlatados de polpa de tomate, onde Maria trabalha, a sirene toca para almoço. As máquinas param e as operárias saem. Umam correm para suas casas próximas e outras vão buscar os respectivos farnéis aos cacifos e espalham-se cá fora, à volta da fábrica, comendo o que trazem. Enquanto comem, conversam.

^{*} Se queres mesmo ouvi-la, procura o disco que vem com o livro. O texto que acompanha este “Aboio” vem na p. 141 desse livro.

Maria tem entre 15 e 16 anos. Não vai aos cacifos. Sai da fábrica e desvia-se do grupo das que estão a comer, indo sentar-se afastada e escondida por uns pardieiros anexos à mesma fábrica. Procura a forma de enganar a fome...

Sem fazer barulho, chega por detrás dela um jovem que traz consigo um pequeno farnel numa bolsa de pano. Pensarás contigo que estou a preparar aqui um milagre e que este jovem é uma espécie de anjo anunciador (a Maria...). Desengana-te. Este jovem não é anjo nenhum, é apenas ajudante de motorista e, antes que a moça dele se aperceba, dirige-lhe a palavra com alguma timidez:

– Boa tarde...

Maria volta-se assustada e logo se levanta. Olha para o rapaz e vê que ele traz na mão direita o tal saco com o seu farnel. Procura disfarçar o que sente e dá-lhe uma resposta que ela quer que pareça “natural”:

– Ah! Boa tarde!

– Posso comer aqui, contigo?

Ela nem sabe o que há-de responder, mas lá acaba por consentir:

– Podes!

E depois cala-se. Ele senta-se ao seu lado. Ela continua de pé. E ele pergunta-lhe porque se não sentava ela também e ela acabou por se sentar. Que outra coisa podia fazer?

Antes que o rapaz lhe perguntasse algo mais a que ela não quisesse responder, avançou logo:

– Eu já comi...

E ele começa a abrir o saco...

– Foi depressa!...

– Comer muito faz mal ao estômago!

– É! De barrigas vazas estão as campas rasas!

E ele riu-se por ter inventado esta naquele momento, mas ela não achou graça nenhuma.

– Sempre ouvi dizer o contrário: de grandes ceias estão as campas cheias! – corrigiu.

– Pois! Mas isso é de ceias!... Como estamos no almoço...

E tira do saco um naco de pão alentejano com rodela de chouriço dentro. Tudo embrulhado num papel de cartucho. Oferece-o à moça:

– És servida?

Ela faz um movimento com a mão a dizer que não:

– Obrigada! Já comi!...

À vista daquele pão e daquele chouriço, a fome dela enfureceu-se. Até o estômago lhe doía. Desviou os olhos. Quem não vê não peca! Mas a fome continuava...

Ele não sabia nada disso, sabia apenas que para poder continuar com aquela conversa, que havia tanto tempo procurava, tinha de insistir com o pão e com o chouriço estendidos na direcção dela, até ela aceitar:

– Não te fura a barriga! Ou tens nojo de mim?

A resposta dela foi olhar o infinito do céu... e, depois, lá foi escorrendo:

– Nojo nenhum! Não me apetece... Obrigada.

Ele não aceita a recusa e mete-lhe o pão com o chouriço mesmo debaixo do nariz. (*Hum! Que cheirinho!*)

– É só para me fazeres companhia!

Aquele desafio começou a tornar-se insuportável. Entra-lhe pelo corpo dentro e revira-lhe o estômago vazio. A sua vontade era fugir dali, mas fica amarrada ao cheiro, embora procure mudar de conversa:

– E porque queres companhia? Sentes-te só, é?!

– Até sinto! E tu não?...

Ela também, mas ele não tinha nada a ver com isso... E o cheirinho do pão e do chouriço, continuavam à espera de uma trinca. Só que ela não era capaz nem de arredar pé, nem de lhe dar a trinca. Só consegue dizer, como se nada dissesse:

– Eu?!

Depois encolhe os ombros e fica tudo como dantes... Mas ele não desiste:

– Há meio ano que sou ajudante de motorista, cá na casa. Desde o primeiro dia que me deste no goto...

– Vê lá se te engasgas!...

– Engasgar não! Mas trago-te atravessada!

E o pão com chouriço continuavam ali tão perto... Abre-se um tempo de silêncio entre ambos. Ele acaba por recolher a mão com o pão e o chouriço e muda a pergunta:

– Porque me foges?

O cheiro tornou-se menos intenso, mas a fome aumentou...

– Eu?... Oh! Ainda sou muito nova!

– Nova?! Quantos anos têm?

– Dezasseis feitos.

– Eu dezoito! Já temos idade para, pelo menos, podermos comer juntos! Ou não?

E torna a estender-lhe o pão com o chouriço. E, de novo, o silêncio volta.

– Vá lá, aceita! É do coração, juro-te! Faz um sacrifício... dá uma dentada!

Quase lhe mete o pão e o chouriço na boca. Ela não aguenta mais e acaba por aceitar:

– Está bem, pronto!

Pega no naco de pão com o chouriço e crava-lhe os dentes. Apercebendo-se de que o fez com sofreguidão, trava a pressa. Ele tira outro naco igual da saca e, devagar, acompanha-a.

– Amanhã, tens de aceitar da minha merenda – equilibra ela.

– Combinado! Amanhã é da tua merenda.

E ficam ambos, como duas crianças, comendo e brincando. No fim de comida a bucha, ele saca de uma garrafita com vinho. Tira-lhe a rolha e estende-a para ela:

– Vai uma pinga?

Ela pega na garrafa com a mão direita, limpa o gargalo com a palma da mão esquerda e os beiços (assim falo porque ela nem conhece a palavra lábios!); pois, os beiços ela os limpa com as costas da mesma mão e remata:

– À tua!

Ergue a garrafa, como se fizesse um brinde, e depois bebe uma golada. Entrega a garrafa ao rapaz que faz o mesmo:

– À tua!

E ficam ambos a rir-se, de barriga composta e com uma alegria doce que lhes nasceu lá bem dentro e lhes brinca nos olhos e lhes enreda as mãos que não sabem o que hão-de fazer, até que a sirene tocou de novo.

Cada um seguiu para a sua secção, fazendo um ao outro um discreto gesto de adeus, quando se separaram. O reencontro ficou marcado para o dia seguinte...

• • •

– Puta que pariu as cabras!

Custódio sai em ceroulas debaixo dos cobertores do catre do seu quarto. A seu lado dorme Silvina. Fica sentado na cama e com a mão procura no escuro, sobre a tripeça que substitui a inexistente mesinha-de-cabeceira, a caixa de fósforos que ali deixara ao deitar-se. Encontra-a. Acende a vela que está num castiçal de esmalte sobre a mesma tripeça. A pequena chama da vela enche o cubículo. Custódio tudo faz para não acordar a mulher e começa a vestir-se. Apesar dos seus cuidados, Silvina acaba por despertar e olha, estremunhada, para o marido:

– Para onde é que tu vais a esta hora?

Ele responde com outra pergunta:

– Onde é que puseste as cuecas que eu te mandei fazer com o bolso por dentro?

Silvina, já totalmente acordada, senta-se na cama. Não percebe o que é que o seu homem está a fazer:

– Para que queres tu as cuecas?!

– Pràs vestir...

– Tens aí outras...

– Mas eu quero as que têm o bolso.

Silvina fica desconfiada:

– Para onde é que tu vais, Custódio?...

– À minha vida...

Silvina tem um pressentimento mau e começa a chorar:

– A tua vida é aqui, ao pé de mim e ao pé dos nossos filhos.

Silvina levanta-se da cama e, de má vontade, entrega ao marido as cuecas que foi tirar de uma caixa de madeira que serve de cómoda ou de mala. Ele continua a vestir-se.

– A minha vida é onde me posso governar... Que raio de vida é esta, se para pagar os teus desleixos, tive de vender a criação que tinha!

Foi a fachada que o seu pressentimento lhe apontava. Aquilo tinha a ver com a coima das cabras. As lágrimas rebentam-lhe outra vez:

– Perdoa-me, Custódio! Estou farta de te pedir perdão!... Eu juro-te que vou ganhar esse dinheiro... e pago tudo!

– E como?! Onde vais tu ganhar tanto dinheiro? Quem é que aqui roga gente a pagar?

– A gente há-de se arranjar, como os outros se arranjam...

– Não, mulher, estou farto desta vida!... Também nós havemos de ter uma casa a sério, com cozinha, sala de jantar, quartos e até retrete, que te digo eu. Até retrete, ou que julgas?

Já está vestido. Vai à cozinha com a vela e traz o caneco da água. Deita um bocado na bacia de esmalte que está no canto do quarto e donde retirara a toalha que a cobria. Passa a água pela cara que limpa com a dita toalha. A mulher assistiu a tudo.

Ele vai-se mesmo embora. Ela não pode acreditar:

– Para onde é que tu vais, Custódio?

– Por esse mundo fora...

Ela percebeu: ele vai para França, como os outros do Candal!

– Tu vais dar o “salto”, Custódio?...

– E se for?

– Eles matam-te!

– Cala a boca! Aqui, também se morre!

Silvina corre para ele; abraça-o. A chorar, pede-lhe:

– Não vás, Custódio! Pelo teu rico amor, não me deixes sozinha. Eu morro de medo! Não me deixes, não me deixes!...

Enquanto isto diz, escorrega por ele abaixo e fica a soluçar, de joelhos, agarrada às suas pernas.

Custódio procura desenvencilhar-se dela à força e arranca-lhe as mãos que o amarram. Isto também lhe custa, mas não pode mostrar fraqueza, nem a ela, nem a si próprio. Seria o princípio da desistência e ele está decidido:

– Larga-me, carago! Acaba lá com essa choradeira...

Silvina, descomposta, procura segurá-lo e continua a chorar:

– Mas tu vais-me deixar... a mim e aos filhos?! Que vai ser de nós?

Merda de conversa esta! Custódio dobra-se sobre ela; levanta-a com algum cuidado, mas sem dar qualquer sinal de fraqueza. Tenta convencê-la:

– Vou só ver... A gente precisa de ver... É o que eu vou fazer: ver!

Por dentro, ele dá conta que está a começar de fraquejar. – *Porra!* E procurando as forças que lhe fogem grita:

– Ver, ouviste!

E o berro resultou:

– Daqui a oito/dez dias, já cá estou, outra vez... Se lá for como dizem, venho buscar-te; vou eu, vais tu, vão os filhos, vai toda a gente! Adeus!...

E, num repelão, saiu do quarto e abandonou a casa. Nem um beijo lhe deu...

Silvina corre atrás dele e vai até à porta. Da porta grita para a noite:

– Custódio! Custódio!

Ele desaparece na imensidão do escuro. O filho mais novo, lá dentro, acorda e começa a chorar em altos berros. Ela não sabe o que há-de fazer. Debulhada em lágrimas, volta para trás e vai dar o peito ao filho. Fica sentada na cama, lágrimas e leite a correr; o mais pequeno mama; o maiorzito dorme, ainda é cedo para ele acordar...

Lá fora, na aspereza da serra, Custódio atravessa sozinho os caminhos da noite e ouve dentro de si o canto do seu adeus:

– Ó meu amor, quando fores,

Ai! Deixa-me a quem hei-de amar.

– Ai, ai, ai, não te deixo a ninguém,

Ai, ai, ai, eu se for hei-de voltar.

– Ó meu amor, a quem deste,

Ai! O teu lenço das pintinhas?

Diz-me com quem repartiste

Ai, ai, ai, a amizade que me tinhas.

– Ó meu amor, não vás hoje,

Ai! Amanhã, também, é dia

Ai, ai, ai, deixa ficar os teus olhos

Ai, ai, ai, para minha companhia.

– Ó meu amor, quando fores,
 Ai! Dá um tiro na portela,
 Ai, ai, ai, é pra que digam as moças
 Ai, ai, ai, lá vai o bem desta terra!*

• • •

Era uma casa antiga e isolada, nos arredores de Lisboa. As traseiras davam para um quintal com horta e ramada, tudo vedado com altos muros onde se podiam guardar, fora das vistas exteriores, um ou dois automóveis, se necessário fosse.

Já noite avançada. Dentro da casa, dois funcionários do Partido Comunista (clandestino): um homem (o camarada responsável pela tipografia) e uma mulher (a companheira de seu nome Elisa) ajudados pela filha, com os seus 13 ou 14 anos. Todos trabalham numa nova edição clandestina, do jornal *Avante!*.

Acabam de estender as folhas abertas do jornal por toda a casa, primeiro em cima dos móveis, depois penduradas em cordas esticadas que atravessam os compartimentos e se transformam em autênticos estendais, finalmente no chão, desde a parede fundeira até à porta de entrada de cada compartimento. Qualquer espaço é um bom espaço.

Acabado o serviço, endireitam-se, limpam o suor e respiram de alívio: – *Enfim! acabou!*

Olham uns para os outros e sorriem, estão um pouco cansados, mas satisfeitos... Procuram à volta um cantinho livre para se sentarem. Não há cantinhos livres lá dentro de casa. Só na rua. O homem abre a porta que dá para o quintal e os três vão sentar-se nas escaleiras de pedra que descem da cozinha para o dito quintal, à ilharga da casa. Em redor reina o silêncio da noite rural. Por entre a ramagem das videiras, a lua cheia espreita.

Tudo tão tranquilo! Até parece o longínquo Alentejo, mas estão às portas da Lisboa.

Depois de algum descanso, em silêncio, o homem olha o relógio, levanta-se e diz:

– Vamos lá ver se já estão secas.

A mulher e a filha levantam-se também, e, ao mesmo tempo, respondem:

– As primeiras já devem estar!

Reentram todos na casa. À frente vai o homem que, chegando dentro, pega numa das primeiras folhas estendidas que examina e confirma:

– É! Parece que sim!... Vamos a isto!

* Vide: “*Cantares da Beira*” do Grupo de Cantares de Manhouce, ed. EMI – Valentim de Carvalho.

Com um desembaraço de “profissionais”, habituados a fazer aquilo milhentas vezes, iniciam quase automaticamente a operação de recolha das folhas e a sua dobragem ao meio, formando um pequeno jornal. Rapidamente se começam a formar vários montes. Isto feito:

– Atar!

Com a mesma celeridade, cada um ata os seus montes com cordões de fio norte pré-cortados à medida e, quando tudo fica atado:

– Guardar e limpar o material!

Numa sofreguidão de pressa, pegam nos montes de jornais e, aos molhos, vão-nos metendo todos dentro da dispensa que fica ao lado da cozinha.

– Limpar a “tipografia” e o material!

Com escovas e panos embebidos em dissolvente lavam e limpam. A seguir, secam e metem os “caracteres” nas caixas respectivas. Finalmente, guardam tudo, juntamente com as bisnagas das tintas, dentro de um armário que fica no quarto do casal. Quando tudo acabou, o homem atira-se para cima da cama e descomprime:

– Até que enfim!

A mulher e a filha riem-se e vão saindo do quarto. Cá de fora, a mulher ergue a voz e lembra lá para dentro do quarto:

– Vamos comer alguma coisa! Depois, deitas-te!

O homem salta da cama e corre para junto da filha e da mulher:

– Tens razão, vamos à bucha!

Todos lavam as mãos: primeiro ele, depois ela e, no fim, a filha. Ele, mal acabou de lavar as mãos, começa a pôr a mesa na cozinha. A mulher traz o tacho que estava tapado sobre o fogão. A filha vai buscar o pão que está metido num saco dentro do armário. Ele volta pelo vinho que está na dispensa. Sentam-se todos. Só agora, a mulher se “entrega” ao seu cansaço, quando se deixa cair sobre a cadeira. E é nesse sentar-se que vai o seu lamento...

– Há nove anos nisto!...

– Estás arrependida?

Quando ouviu a pergunta, sentiu-se realmente arrependida por ter dito o que disse. Tentou desculpar-se:

– Arrependida não, cansada!...

– Foi a vida que escolhemos...

Há um silêncio que ela corta:

– Até os meus pais! Coitados! Nunca mais os vi!...

Depois, com a boca cheia, acrescenta:

– De uma penada, ficaram sem as duas filhas que tinham!

E volta a mastigar, calada. Enquanto mastiga, bota as suas contas:

– Eu e a minha irmã “mergulhámos” na mesma altura. Tinha a nossa filha seis anos!

E logo se vira para a filha:

– Lenita, tu ainda te lembras da tia Maria?

A filha suspende o comer e anima-se um pouco:

– Claro que lembro!... Dava-me rebuçados e fazia-me bonecas...

A mãe suspira e confirma:

– Era muito tua amiga! Lá isso era!... Onde é que estará agora a Maria?!

E ele responde com a naturalidade de um revolucionário:

– Algures, a trabalhar para o Partido como nós!

E ela concordou:

– Pois!...

O homem levantou-se e espreguiça-se:

– Vá! Vamos à deita... – e foram.

Amanhã começa a distribuição.

• • •

Depois de sair de casa, altas horas da noite, Custódio embicou na direcção das Minas das Chãs, na encosta virada a sul da serra. Foi aí que ficou combinado encontrar-se com o José Pereira da Silva, da Coelhoira. Ambos tinham decidido arrancar para França. O José Pereira da Silva até já lá tinha um primo de Santa Cruz que lhe arranjava trabalho perto de Bordéus, na agricultura. A ele Custódio, o Ladeira de Vilarinho, que fuçangava de “manobra” em Paris, dissera-lhe para ir até lá que alguma coisa se havia de arranjar. Combinaram tudo ao telefone, isto é, que ele, Ladeira, o iria esperar à estação de Austerlitz, no dia da chegada e durante os primeiros tempos Custódio ficaria em casa do Ladeira, depois seria o que fosse...

O Pereira da Silva chegou, pouco tempo depois, e foi assim que pela madrugada dentro, ambos iniciaram a partir de tais Minas, um longo percurso a pé, por montes, serras vales, sempre por caminhos escabreados, em direcção a Santa Cruz, onde o “Carrascal” (chofer de praça) os esperava, para os levar até Viseu.

• • •

No Salão Nobre do Canto da Esperança, em Várzea da Serra, tanguieia-se. Celebra-se mais um aniversário da Colectividade com um “baile a rigor, ao ritmo e ao som dos tangos argentinos na versão Francisco Canaro, ali copiada ao pormenor pelo conjunto que veio do Troviscal, “Os Perus”. Tanguieia-se, repito, e também se valseia. À mistura vêm boleros, *slows*, rumbas, sambas e outras danças que então estavam na moda.

Enquanto o baile decorre, na sala da Direcção, trava-se uma acesa discussão entre o Presidente do Canto da Esperança, de seu nome, Rui Barbo da Fonseca, monárquico e salazarista, sócio gerente da “Januário dos Panos – roupas, confecções e atoalhados” (que herdou de seu sogro, pelo lado da mulher), trava-se uma acesa discussão, dizia, entre ele e o ensaiador do grupo de Teatro da mesma colectividade, o Antunes, um caixeiro da Fernandes & Alves, Lda., que tem a mania de se armar em “intelectual de... esquerda”!!! – *Ah! Ah! Ah! – Deixa-me rir!*

Da Fonseca, que está sentado em seu cadeirão de coiro com retorcidos barrocos e atrás da grande mesa de mogno com iguais enfeites, já não tem pachorra (como ele diz) para aturar tanta cretinice. Começa a ficar farto do dito cujo Antunes! E é isso mesmo que lhe está a tentar dizer...

Antunes, o caixeiro/intelectual, mantém-se de pé em frente da tal mesa porque da Fonseca, muito de propósito, não quis ter a gentileza de lhe oferecer uma cadeira das muitas que mobilam o gabinete.

Da Fonseca acaba por se levantar da sua poltrona, já um pouco irritado, e atira às fuças daquele energúmeno todo o seu desagrado:

– Não! Não, Antunes!... Modernices dessas não!

Só que o Antunes é teimoso e logo lhe redarguiu com a habitual firmeza:

– Eu queria, apenas, apresentar no próximo ano, um espectáculo um pouco diferente... Vamos celebrar os sessenta anos de vida da colectividade! Seria uma boa altura para mostrar que “estamos vivos”!

E da Fonseca prega com uma gargalhada na tal “vivacidade”:

– E o que é que você *entende* por “estarmos vivos”? Esta colectividade, meu caro, tem um passado... com história, percebeu? Com história. Isso é que é “estar vivo”! Não julgue o meu amigo que eu vou aceitar que me venha com essas “fantoçadas” modernas, armado “ó” intelectual!...

– Mas não é nada disso! Com este projecto pretendo apenas, como dizer? Arejar os nossos espectáculos, nada mais!

– “Arejar”?!... Que é que você quer dizer com essa de “arejar”?!... Se lhe falta ar, mude-se!... Arejar! Uma destas!... Digo e repito: temos um passado, temos uma história, o Canto da Esperança não é uma colectividadezeca qualquer! – e sentou-se, contrafeito, quase ofendido.

Antunes já lhe conhece a lábria e não se impressiona:

– Eu sei! o Canto da Esperança vem do início deste século. Eu sei! Quem o fundou foi um grupo de homens bons cá da terra, gente de trabalho, repare bem sr. da Fonseca, gente de trabalho!... – e bate bem a palavra trabalho.

Da Fonseca não se dá por vencido e muito menos convencido com esta do “trabalho” e contrapõe, irrespondível (pensa ele):

– Gente de trabalho diz muito bem e de muito respeito, acrescento eu!... O Cunha da Barbearia, por exemplo, ainda me lembro dele! Aquilo é que era um actor!... E não era só o Cunha; era o Bernardino Salvado, sapateiro de profissão, mas que tocava rabeca como um Paganini!... E o Pimenta que ficou, depois, com a casa do patrão, o Sousa, para não falar no meu sogro, o grande Januário dos Panos que foi a *alma mater* desta associação!...

Até aí Antunes estava de acordo com da Fonseca e este tomou inadvertidamente este acordo de princípio como sinal de que tinha ganho o “combate” e, por isso, rematou:

– Meu caro amigo, para mim, o Canto da Esperança faz parte integrante da família... é assim como que...

Só que o Antunes não é homem que dê vitórias de mão beijada seja lá a quem for e prepara logo o contra-ataque:

– Eu não digo o contrário... Quer dizer, dizendo a mesma coisa, eu até digo o contrário!

Esta figura de retórica fintou da Fonseca que ficou sem perceber muito bem o dito e o contra dito, e especou ali com a bola entre os pés, sem saber muito bem como havia de chutá-la! – *Dizer o contrário, dizendo a mesma coisa?! Essa agora!*

O Antunes, aproveitando esta perplexidade de da Fonseca, tira-lhe a bola de entre os pés e avança com ela, bem dominada:

– O Canto da Esperança, Sr. da Fonseca, tem realmente um passado na história da cultura desta nossa terra...

– Aí está!...

– ... nasceu das ideias libertárias dos fins do século XIX. Não se esqueça, sr. da Fonseca, que o Canto da Esperança começou por se chamar Canto da Liberdade!...

– Isso era jacobinismo puro!

– Seu sogro foi um republicano dos quatros costados!...

– Foi... foi... disse o meu amigo muito bem!... foi! Mas depressa deixou de o ser. O meu sogro era um homem sério e não podia tolerar aquela bagunça em que a República se transformou. O meu sogro era um idealista, respeitador da Liberdade, sim senhor, mas também da Ordem! Ora, aquilo já não era Liberdade já não era nada! Aquilo era libertinagem pura... era anarquia... era bolchevismo... do pior! Por isso é que meu sogro foi dos primeiros a alinhar com os grandes princípios da Revolução Nacional do 28 de Maio de 1926!

– O que lhe garantiu, desde logo, a nomeação para Presidente da Comissão Administrativa da Câmara... – era só veneno aquele Antunes...

– Com muita honra! – contrapôs da Fonseca, enchendo o peito de ar, como quem dá uma lambada no outro.

– E de comandante do terço local da Legião e de chefe da União Nacional... – enfia Antunes, num drible sobre a esquerda.

– Com muita honra, repito! – pontapeia nas canelas do Antunes da Fonseca.

Antunes aguenta a canelada e raspa também as gâmbias do adversário:

– ... e o de presidente vitalício do Canto da Liberdade, cujo nome ele logo mudou para Canto da Esperança!

Da Fonseca, que já estava à espera desta, faz uma finta de corpo e desvia as pernas, deixando que a bola se escape e vá para fora:

– E acha mal?!

Antunes fica sem bola e sem argumentos. Corre à linha, repega no esférico e galga sobre o meio campo contrário:

– Eu?... Eu acho bem... Na verdade que é que somos nós, pr’áqui, senão um “canto” de... “esperanças”, vãs! – remata ele à baliza do outro.

Da Fonseca, numa defesa apertada, conseguiu agarrar o esférico que vinha com efeitos, iniciando logo um contra-ataque:

– Não estou a perceber esse seu tom!

Antunes apanhou o balão sobre o centro do terreno e, traiçoeiro, lateraliza:

– É teatral, Sr. da Fonseca...

Da Fonseca, aproveita a falta de profundidade do outro, tira-lhe a bola e ganha o “miolo” do campo adverso:

– Você, Antunes, é muito “teatral”...

Antunes já está na sua baliza:

– Eu sou um homem de Teatro...

Da Fonseca está em condições de meter o seu golo e tenta passar a bola por cima da cabeça de Antunes:...

– ... “Amador”!...

Antunes estica-se e agarra:

– Exacto! Amador... porque o faço por amor... É a minha trincheira...

Da Fonseca não contava que Antunes lá chegasse:

– Trincheira?! Trincheira de quê?...

Antunes já com a bola bem segura:

– Da Arte e da Cultura, sr. da Fonseca...

A bola é de Antunes, mas o campo é do outro:

– Não se entusiasme, Antunes, não se entusiasme demais, faça o seu teatrinho... faça o seu teatrinho... e não se meta em cavalarias altas... Pode cair!

Da Fonseca levanta-se e estende a mão a Antunes para se despedir:

– Sabe que mais? Vá dar um pé de dança! – e, mudando de conversa:

– Que rico conjunto arranjámos este ano...

Antunes vê o gesto do outro e hesita na resposta, apetece-lhe dizer mais qualquer coisa, mas o melhor é acabar aquele “jogo”; estende-lhe a mão em despedida e sai. Mas vem engasgado de argumentos que não chegou a usar.

No salão os pares rodopiam. Da Fonseca fica sozinho na sala da Direcção e bota contas à conversa tida:

– *Queres tu ver que temos em casa um comunista!...*

Vai ao telefone e faz uma ligação. No salão ao lado a dança continua.

• • •

O “Carrascal” atravessou Viseu e foi deixar Custódio e o companheiro, no Largo de Santa-Cristina, por detrás da estátua do Bispo, Alves Martins. Sem sair do carro, apontou-lhes a camioneta da carreira para a Guarda que já se encontrava estacionada a cerca de 20/30 metros, à direita, do local onde se encontrava a estátua. Depois de receber o dinheiro do frete e antes de se ir embora, ainda lhes chamou a atenção para a dita estátua, contando-lhes aquela história de “*a religião se querer como o sal na comida, nem muita nem pouco, só o preciso*” que tornou célebre aquele bispo. Dito isso, o “Carrascal” fez meia volta e tornou sobre si.

Eles, como ainda era cedo, encaminharam-se para junto da dita estátua. Olharam-na cá debaixo. Era alta a estátua. Assentava sobre uma espécie cipo de pedra, implantado sobre uma base com dois degraus de igual matéria; o conjunto era bem mais alto do que um qualquer altar ou andor lá da terra deles. Custódio mediu o conjunto com os olhos e considerou que a estátua, só por si, tinha seguramente uns dois metros de altura e o tal cipo e base de apoio iam aí para cinco ou seis.

O corpo da estátua era de bronze escuro, esverdeado; enquanto o pedestal e a base eram de granito (polido o do pedestal); em cada uma das quatro faces do dito pedestal havia um espelho de mármore branco. A figura da estátua representava um homem vestido à moda antiga, com uma casaca aberta que lhe chegava até aos joelhos; por detrás caía-lhe um grande gabinado ou capa que ia desde os ombros até quase aos calcanhares; a casaca aberta à frente deixava ver um colete que não disfarçava o estômago proeminente do representado; sobre o colete corria um cordão que, passando à volta do pescoço, descia em V sobre o dito estômago; no vértice do V pendia uma grande cruz ou crucifixo; na sequência do estômago proeminente, vinha uma barriguinha redonda em forma de pipo

implantado sobre as coxas gordinhas, cobertas por umas calças tufadas nos joelhos; daí para baixo, as gâmbias do homem continuavam roliças, desenhadas por umas meias justas que subiam desde os pés até aos ditos joelhos; o tal da estátua, bispo ou lá o que fosse, tinha a mão direita apoiada sobre uma espécie de bengala ou bastão, com a ponteira fincada na terra de onde o tal homem emergia; a mão esquerda estava escondida sob o gabinardo ou capa.

Percebia-se que seria clérigo, bispo, ou coisa assim, não só por causa do grande crucifixo que lhe caía do peito, mas porque, o colarinho da camisa era uma espécie de coleira daquelas que os padres costumam usar. Talvez tivesse anel, mas cá de baixo não se via.

Na inspeção que ambos fizeram à estátua verificaram que nos espelhos de mármore que estavam colocados na parte da frente e na parte de trás do pedestal havia umas letras gravadas, enquanto nos dois espelhos laterais se viam vestígios de outras letras que aí teriam sido gravadas, mas que haviam sido cobertas por uma massa de aspecto muito antigo, com a cor do mesmo mármore, a fim de não poderem ser lidas*. Isso não os preocupou muito porque, ainda que tais letras fossem bem legíveis, como as que estavam inscritas nos outros dois espelhos, nem um nem outro as saberia ler por serem, ambos, analfabetos.

Acabado o exame, Custódio, com a barriga a dar horas, perguntou ao outro pelas ditas.

– É quase meio-dia – respondeu o Pereira.

– Vamos ver se arranjamos por aí perto onde comer alguma coisa. Estou morto de fome.

– Também eu.

Na procura da bucha, foram até à Rua Direita. Aí, na esquina de uma travessa que descia do cimo da colina da Sé, descobriram uma casa de pasto que lhes pareceu mesmo à maneira. Entraram. Estava a começar a encher-se de gente para almoçar. Atrás do balcão, atendia um velho muito falador, bem-disposto, atento e desembaraçado; na lida das mesas, uma raparigota, toda espevitada, que ao vê-los entrar, logo lhes perguntou se queriam almoçar. Que sim. E ela, prontamente, indicou uma mesa vazia e já posta, que estava lá no canto. Sentaram-se um em frente do outro, meios de lado, à moda lá da serra, onde nem à mesa do comer a gente se senta inteiro.

* As frases que aí se encontravam escritas e que a censura salazarista tapou eram as seguintes: de um lado, “A releição quere-se como o sal na cozinha: nem demais nem de menos – só o preciso”; do outro lado, “Na minha diocese quero padres para amarem Deus na pessoa do próximo, não quero jesuítas que vivam a explorar o próximo em nome d Deus”.

A raparigota foi lá dentro buscar uma travessaona de comida para uma mesa ao lado e voltou àquela para os informar que tinham sopa, “rancho à moda da casa” (prato do dia), bifes com ovo a cavalo e batatas fritas e bacalhau com todos. Eles logo escolheram “rancho à moda da casa” que era o que trazia a tal travessaona; tinha um rico aspecto e vinha bem servido, para além de botar cá um cheirinho que até o estômago se esbarrondava!

– Dois ranchos à casa! – gritou a raparigota lá para dentro da cozinha. E logo voltou com uma jarra de vinho tinto, de litro, e dois pães de trigo.

Não resistiram ao pão e começaram, de imediato, a mordiscá-lo. Passado pouco mais de cinco a dez minutos, a raparigota pôs-lhes à frente uma travessaona igual àquela que veio para a mesa ao lado: era um refogado de grão, massa de cotovelos, couve branca e cenoura às rodela, com uns bons nacos de carne de vaca e chouriça também às rodela. Sobre toda aquela mistura, o tal cheirinho bom a cominhos que saía de um molho grosso que envolvia o cozinhado. A raparigota desejou-lhes “bom apetite!” e pôs-se a andar. Eles até se riram. – *Mais ainda?!*

Encheram os pratos e foi uma bota abaixo. Dividiram o que restou ao meio e este resto teve a mesma sorte, engolido num ver se te avias. No fim, do litro de vinho só restavam dois fundos, nos fundos dos copos. Arrotaram e escorropicharam os copos. Depois, pediram a conta à raparigota. Ela fez-lhes sinal que sim com a cabeça e foi à sua vida, pelo meio das mesas.

E foi aí que o Custódio, de barriga cheia, se lembrou de que esta poderia ser a sua última refeição sentada, nestes próximos dias, por aquilo que ouvia dizer da viagem. E foi esta lembrança que o fez prevenido:

– Olha lá, e se a gente levasse umas sandes para o caminho?

O Pereira da Silva achou boa ideia e o Custódio levantou-se e foi ter com a raparigota a pedir-lhe quatro sandes, duas de queijo e duas de fiambre. Voltou para a mesa e ficaram à espera da conta e das sandes. Pouco tempo após, a moça que era mesmo despachada, pôs sobre a mesa as quatro sandes, embrulhadas, duas a duas, numa folha de papel costaneira, e disse-lhes que eram dez escudos por tudo.

Cada um pagou a sua parte e ala que se faz tarde para a camioneta.

Quando chegaram ao pé do autocarro da carreira, este já se encontrava aberto e já tinha gente lá dentro: pelo menos o condutor, sentado no seu lugar, o cobrador, à entrada, vendendo os bilhetes, e um sujeito, sentado a meio, que lia um jornal.

Antes de entrarem, Custódio, em voz ciciada, lembrou ao Pereira da Silva que:

– Cada um para seu lado, conforme o gajo disse!...

– Pois!... – respondeu o Pereira da Silva, no mesmo tom.

Compraram os bilhetes e entraram. Cada um foi sentar-se no seu lugar, separados: o Custódio lá atrás e o Pereira da Silva mais à frente, do outro lado da coxia central.

Depois de ambos se terem instalado, o tal do jornal parou com a leitura e foi instalar-se ao lado de Custódio. “Que é que este gajo quer?”, pensou. E o gajo sorriu e perguntou:

– Com que então, um passeinho, hem?!

Custódio olhou de esguelha, desconfiado; a gente nunca sabe quem se senta ao nosso lado, mas sempre foi dizendo, como quem não diz nada:

– Pois! Um passeinho!

– E para onde é o “passeio”, pode saber-se?

– Essa agora! E que tem vossemecê a ver com isso?!

– Cheira-me a... “salto”!...

“Que puta de conversa aquela! Estou fodido! Queres tu ver que o gajo é da polícia!...”, ruminou consigo Custódio que, cá para fora, só largou o que lhe pareceu não ter mal nenhum:

– Qual “salto”, qual carapuça! Eu sou negociante de gado! Não preciso de andar aos “saltos”...

– Ah! Negociante de gado!... Aposto que vai prà feira de Almeida!

– E se fosse?!...

– ... Ia muito cedo que a feira de Almeida é só de amanhã a quinze dias!...

“O filho da puta, já me apanhou. Estou quilhado”, concluiu para si o Custódio. Mas, falando alto, a conversa foi outra:

– Eu também não disse que ia para lá; só disse: e se fosse? Há muitas mais feiras: em Trancoso, por exemplo!...

– Ah! Trancoso! O meu amigo também conhece a feira de Trancoso...

“O cabrão está a gozar comigo!...”

– É muito antiga, a feira de Trancoso!

– Deixe-se de conversa...

E o desconhecido meteu a mão no bolso de dentro do casaco e de lá retirou uma carteira de onde puxou uma fotografia de Custódio. Mostra-lha:

– Você não é este?...

Custódio reconhece a fotografia e respira aliviado:

– Sou... e vossemecê é quem nos leva...

– Acertou! Eu é que estou encarregada de o pôr do outro lado da fronteira.

A resposta coincidiu com o dito pelo Tereso de Vale de Cambra que tratou do “salto”. Realmente, com o dinheiro, ele pediu-lhe uma fotogra-

fia para o identificarem. Lá estava a fotografia. Tudo nos conformes. O passador sacou do bolso de fora do casaco uma tesoura; cortou a fotografia ao meio, de alto a baixo, e entregou uma das metades a Custódio.

– Guarde esta metade. Quando chegar a Paris, alguém lhe entregará a outra metade que fica comigo. Nós trabalhamos a sério e pelo seguro.

Custódio ficou satisfeito e o outro guardou a sua metade da fotografia; Custódio fez o mesmo com aquela que lhe foi entregue.

– Agora vou falar com o seu companheiro. – E o sujeito levantou-se a caminho do lugar do Pereira da Silva.

Na camioneta começam a entrar mais pessoas com cestos, cabazes, sacos, ou sem nada (poucos). O motorista põe o motor a trabalhar. O tal sujeito já conversa com o Pereira da Silva.

Quando a camioneta arranca, a conversa ainda continua.

• • •

No dia 5 de Outubro de 1959, houve o habitual jantar comemorativo da implantação da República na cidade de Viseu. Foi servido no amplo salão existente na cave do cineteatro. Quando as pessoas começam a entrar, a sala está com as mesas postas e na parede do fundo, por detrás da mesa de honra, está afixada uma faixa em pano com a frase: “Glória aos Heróis da Rotunda”. Na parede lateral da esquerda, outra faixa com outra frase: “Viva o Gen. Humberto Delgado!” e na parede do lado direito: “Viva o Nosso Presidente!”

Homens e poucas mulheres. São velhos republicanos (“reviralhistas” e anarquistas) acompanhados de gente de toda a Oposição Democrática: liberais, socialistas, comunistas e católicos (também poucos, como as mulheres). Pagam a respectiva inscrição numa mesa colocada à entrada. O ambiente é animado pelas “heróicas” de Lopes-Graça que saem da aparelhagem sonora. Os que vão chegando cumprimentam-se efusivamente. Os homens abraçam-se e as mulheres beijam-se, entre elas, que ainda não está na moda os homens beijarem as mulheres dos outros: apenas um cumprimento de mão, mais ou menos rasgado e/ou afectuoso.

É nesta azáfama do reencontro “tolerado” pelas autoridades policiais que as conversas se cruzam e se atropelam:

– Cá estamos!... – diz um velho republicano para um outro, enquanto o abraça.

– Cá estamos!... – responde o tal outro. Findo o abraço, acrescenta com um certo fel na voz:

– É o que nos resta: estes jantarzinhos...

Mais um outro que entretanto chegou engata na conversa:

– ... duas vezes por ano. E, sempre, vigiados!...

É aí que um quarto que ia a passar mete a sua colherada:
– Se não fossem os jantares do 5 de Outubro e do 31 de Janeiro, nem se dava conta de que há Oposição em Portugal!...

E foi então que o primeiro deu a sua opinião sobre a situação política:
– Somos um país de trampa! Há trinta e três anos que chafurdamos nesta merda!...

O segundo não fica atrás e avança para o futuro:
– Qualquer dia há para aí um estoiro!...

O primeiro não acredita:
– Estoiro?! Só se for de foguetes!...

O segundo está mais confiante:
– Não! A Tropa não vai ficar quieta com o que fizeram ao General!

Um quinto que acabou de chegar ainda ouviu o dito e introduz no debate a sua dúvida:
– Olha a Tropa! Basta o Santos Costa dar um espirro e fica tudo em sentido!

O salão já está a ficar quase cheio e um que vinha como tal quinto corrobora:
– Isto não vai com a Tropa, meu caro! Tem de ser é o Povo a levantar-se...

Esta do “povo se levantar” fez rir, sem gosto, o primeiro:
– O povo levantar-se?!... Só se for para ir à missa... ou a Fátima... a pé... Olha o povo!...

Esta opinião não colhe o consenso e é frontalmente contestada pelo terceiro:
– Peço desculpa! Mas na campanha do General Humberto Delgado o Povo saiu à rua!

E o primeiro logo lhe replicou:
– Mas ficou em casa, no dia das eleições...

Ao que o quinto contra-argumentou:
– Não! Não! Muita gente votou... e no General! Os resultados que o Ditador apresentou é que foram a farsa do costume... Toda a gente sabe que quem ganhou as eleições foi o General!

– De tal maneira que o Salazar, para não ter de passar por outra, mudou a lei. – Confirmou o quarto que logo concluiu com a inutilidade das eleições:

– Nas próximas “eleições” quem escolhe o Presidente da República é o Grupo de Amigos do Salazar e acabou-se!...

O tal primeiro que cultiva o cinismo confirma:
– E acho bem! Ao menos assim tiram-nos o trabalho de andarmos pr’áqui todos a fingir que votamos...

– É por isso que eu digo que a Tropa... – interpõe, de novo, o quinto que não chegou a terminar o que queria dizer porque alguém da presidência da mesa, usando o microfone, cortou todas as conversas:

– Peço aos amigos e correligionários para se sentarem. O representante da autoridade já chegou. Vamos começar o nosso jantar.

Ordeiramente, “civilizadamente” como então se dizia, começaram todos a sentar-se. O Representante da Autoridade, que é um Comissário da Polícia, vem fardado e está junto da mesa da presidência. Após o aviso que ouvimos, dirigiu-se para uma mesinha colocada também sobre o estrado onde está assente a mesa da presidência e donde ele pode ver bem toda a sala. Quando aí chega, o Representante da Autoridade pede o microfone, por gestos. O microfone é-lhe trazido com os fios a arrastar pelo chão. Depois de receber o dito microfone diz, com uma voz pausada e firme:

– Minhas senhoras e meus senhores, boa noite. Desejo que tenham um bom convívio e peço-vos que compreendais a minha posição nesta vossa festa. Estou aqui só para cumprir ordens. Ora, as ordens que trago são bem claras: este jantar destina-se apenas (e sublinhou *apenas*) para comemorar o “5 de Outubro de 1910”. Nada mais. Isto significa que são expressamente proibidas todas e quaisquer referências a factos e pessoas da actualidade... – sublinhou. E o sublinhado fica.

Toda a gente percebeu a limitação e, de imediato, se gerou um burburinho de desaprovação por toda a sala.

– Peço-vos que compreendam a minha posição. Trago ordens e cumpri-las-ei, mesmo que seja contra a vossa e até contra a minha vontade...

Na sequência, vira-se para a mesa da presidência:

– Façam favor de mandar retirar a faixa que diz: “Viva o General Humberto Delgado!”

O que ele foi dizer! O burburinho de desaprovação que estava no ar aumentou e, num ápice, transforma-se num berreiro ensurdecador, robustecido com uma forte pateada e murros nas mesas.

Perante esta ameaça de motim que poria em xeque a realização daquele evento, o presidente da mesa sobe para cima da sua cadeira, fazendo gestos para que se acalmassem. Quando o barulho diminui significativamente, ele ergue a voz o mais que pode e quase grita:

– Amigos e companheiros! Senhores! Serenidade... Ouçamos até ao fim o que o Sr. Comissário tem para nos dizer. Serenidade! No fim decidiremos.

Devagar, a onda que se levantou foi refluindo ao seu leito que eram as cadeiras à volta das mesas. Voltou um certo silêncio, todo feito de tensões prontas a explodir de novo. O Representante da Autoridade, porque as condições objectivas lhe pareciam cumpridas, continuou:

– Não estamos em fase de campanha eleitoral, pelo que tal referência não faz aqui qualquer sentido...

Dada esta explicação desejou “Boa noite! E bom jantar!”; entregou o microfone e sentou-se na sua mesinha de frente para o público, de modo a poder fiscalizar a sessão que se iria seguir.

Ainda ele se não tinha sentado, já os membros da mesa da presidência se apinhavam num grupo, à volta do presidente, para decidirem o que fazer.

Nas outras mesas o burburinho volta a recrudescer e a feira da raiva e desalento monta a sua tenda. No meio do barulho geral, ouvem-se frases soltas, tais como “filhos da puta!”, “cabrões de merda”, “fascistas”, e outras...

Não demorou muito a reunião de emergência feita à volta do presidente da mesa. A decisão foi tomada e o presidente vai anunciá-la. Pega no microfone, dá-lhe duas assopradas e anuncia:

– Amigos e correligionários, estamos aqui para celebrarmos o patriotismo e a heroicidade daquele punhado de civis, oficiais, sargentos e praças que, na madrugada gloriosa do dia 5 de Outubro de 1910, vieram para a rua e, de armas na mão, redimiram a honra enxovalhada da pátria, implantando um novo regime!

Este intróito foi logo cortado por um mais exaltado, todo cabelos brancos, que, vermelho de cólera, subiu para cima da sua cadeira e gritou a sua fé:

– Viva a República!

Foi uma explosão. A sala inteira ficou de pé num berro:

– Viva!

Depois de alguns chius vindos de todo o lado, o Presidente da Mesa continuou:

– Os heróis da Rotunda são para nós um verdadeiro exemplo a seguir! Só que, conforme acabamos de ser informados, não podemos utilizar, aqui e agora, o exemplo desses pioneiros. Por esse motivo, a Organização deste Jantar Comemorativo, depois de uma reunião rápida, conforme acabaram de ver, e julgando interpretar o sentimento unânime de todos os participantes, repito, de todos os participantes e não daqueles que apenas aqui estão por outras razões, decidi cancelar o mesmo Jantar, por razões de Dignidade!

As palmas ecoaram por toda a sala e, no meio das palmas, o tal dos cabelos brancos e cara vermelha de sangue a estoirar, salta outra vez para cima da sua cadeira e voltou a ser a voz da indignação:

– Viva a República!

A resposta foi imediata: um ronco de centenas de vozes rompeu as paredes do salão, fazendo-se ouvir lá fora, para espanto dos transeuntes

que nem sabiam que naquele dia alguém comemorava a implantação da República, ali tão perto:

– Viva a República!

Ainda o grito se não perdera, já todos começam a cantar “A Portuguesa” de pé! Há lágrimas de raiva e comoção em muitos rostos. Há quem trema de raiva e o seu canto seja complemento do grito de há pouco.

Face ao hino nacional, o representante da autoridade é obrigado a levantar-se e militarmente mantém-se perfilado enquanto eles cantam. É a “vingança” possível que naquele momento aquela gente tem à mão: obrigar a autoridade fascista a pôr-se de pé, ao som do seu canto! O dos cabelos brancos sente-se vingado e cospe-lhe de lado:

– Filho da puta! Tiveste de te pôr em sentido, cabrão!

Acabado o Hino, o Presidente da Mesa grita ao microfone:

– Viva Portugal, livre e democrático!

E a resposta volta a ouvir-se cá fora:

– VIIIIVA!

E a debandada começa, no meio de um irritante arrastar de cadeiras que só ali estão para empecer a saída. Na retirada a raiva cresce na voz de uns tantos:

– Há que mostrar a estes cabrões que nem todos fazem parte do “rebanho”!

– Cabrões! Fascistas! Cabrões!

O Comissários a tudo assiste e vai tomando notas para o seu relatório final. Cá fora na rua e ainda lá dentro, nos corredores da saída, uns certos civis “desconhecidos” seguem atentamente tudo o que se está a passar. Também eles tomam mentalmente as suas notas...

• • •

Dedois de rasar o Mondego que corria à sua direita, e em sentido contrário, Ricardo chega à Estação Velha de Coimbra. Rosa Maria, a namorada que com ele viera de Viseu, até Coimbra B, continua a sua viagem para Lisboa, onde vai frequentar a Faculdade de Letras.

Mal o comboio onde seguia Ricardo pára, logo se gera uma corrida infrene com passageiros aos berros e aos encontrões, por entre apitos daquele e de outros comboios. Até parece que toda aquela gente vai salvar o pai da força! Ricardo não tem pressa. Quer entrar em Coimbra, devagar... Quer olhar, ver, ouvir tudo e conferir com a Coimbra que teoricamente os livros lhe ensinaram.

Há muito que Ricardo é um apaixonado pelo espírito coimbrão, desde o “escândalo” do “Bom Senso e Bom Gosto”, com Antero no centro,

em 1863, até à crise do Grau em 1907, passando por toda a boémia coimbrã do “Mata Carochas” e do “Pad’ Zé”, sem esquecer a voz e a guitarra do visense, Augusto Hilário, com rua na sua cidade natal, ali junto à Sé!

Calmamente, carregando toda a sua bagagem (a literária e a outra) atravessa a gare e o átrio de entrada da estação. Olha lá para fora e, lá de fora, vê as primeiras imagens do bulício da cidade universitária. Em frente da estação, a cerca de cem metros, há uma paragem de eléctrico. Ele também já sabia daquela paragem. É para ali que ele se dirige. O Resende que já o espera há uns oito dias, em Coimbra, foi bem claro: “Tomas o 4 que sai de ao pé da estação e vens até Celas. Aí perguntas”.

Logo nesse primeiro relance viu as primeiras capas e batinas que se misturavam com a “futricagem”*. Ricardo sempre teve inveja daquele traje académico. Em Viseu nunca o usara. Parecia-lhe um abuso: a capa e batina eram de Coimbra e pronto!

Enquanto se prepara para descer as escadas da estação, vai botando as primeiras contas às suas despesas académicas...

– Tenho de comprar uma capa e batina... – e desce as escadas, ajoujado com a carga, e passa pela praça dos táxis, logo ali à direita de quem sai. E é então que tem a primeira oferta/cumprimento de um taxista...

– O sr. “doutor” quer que o leve a algum lado?

Ricardo, a princípio, nem se apercebeu de que era com ele que o taxista estava a falar. Essa certeza só veio quando o taxista lhe procurou tirar das mãos parte da bagagem que trazia. Ricardo segura a bagagem e, antes de responder, ainda tem tempo para recordar aquela estorieta antiga de: “o sr. dr. é caixeiro-viajante?” e ri-se. Ao taxista agradece:

– Obrigado! Vou de eléctrico.

O interpelante taxista não perde o *fair play* e acrescenta:

– Sim, senhor! E para onde é que o “dr.” vai?

– Prà Cruz de Celas...

– É o 4. A paragem é logo ali, em frente ao Peninsular. Mas olhe que tem de esperar um bom bocado. Ainda agora saiu um... Só saem de meia em meia hora...

– Eu sei! Obrigado! Eu sei!...

E Ricardo continua, como o “preto da *Casa Africana* lá da sua cidade de Viseu, carregado de malas, sacos e embrulhos, em direcção à paragem do eléctrico.

Esperou menos que meia hora. E eis que chega o 4. Num ápice ficou cheio de estudantes e futricas, numa democrática mistura. Ricardo ajeita-se

* Na gíria académica de então, “futricagem” (de “futrica”) significava os não estudantes, ou os que não andavam vestidos de capa e batina.

na plataforma da frente com as malas e embrulhos. O eléctrico solavanca e arranca. Depressa ganha o Largo da Portagem, com a estátua do Mata-Frades a meio, virada para o rio.

– *Cá está o famoso Mata-Frades a fazer o rol da roupa às lavadeiras do Mondego...* – rememora Ricardo.

E, à esquerda do Mata Frades, junto da janela de um prédio do século XIX, caído de branco, viu dependurada uma placa: “*Dr. ADOLFO ROCHA – Nariz e garganta*”.

– Olha! O consultório do Miguel Torga!... – Ele sabia o nome oficial de Miguel Torga e a sua profissão. Miguel Torga era, então, com José Régio, um dos seus escritores preferidos.

Pouco depois, o eléctrico vira à esquerda e entra numa rua relativamente estreita e muito movimentada: – É o “canal”, a rua mais comercial e elegante de Coimbra – dissera-lhe o Resende ao telefone. – Percorres o “canal” de uma ponta à outra e passas em frente da Igreja de Santa Cruz”.

E lá vai ele. Logo ali à esquerda e à saída da Portagem vê o *Café Arcádia* (dos futebolistas da Académica, como mais tarde saberá) e, quase pegado, *A Brasileira* (dos intelectuais e dos oposicionistas). Fora lá que pontificou, em vida, o poeta da Eireira, Afonso Duarte, e foi lá que ele veio a conhecer o pessoal de Esquerda de Coimbra.

O eléctrico avança. É gente em barda por todos os lados, numa alegre confusão, invadindo a rua e por sobre os passeios e tomando as esplanadas. São cafés, pastelarias, lojas, livrarias, ourivesarias e farmácias, o diabo a quatro! Tudo a abarrotar de gente e de capas e batinas. Tanta mulher bonita e bem vestida! Os mirones a “topar as gajas!”.

– Isto é muito melhor que o corrupio das Quatro Esquinas, em Viseu... – bota ele nas suas contas.

Ao fim do “canal”, abre-se o Largo de Sansão, onde Simão Botelho jogou o pau com os reaccionários nos recuados tempos de 1804 (Camilo *dixit* no seu *Amor de Perdição*). Antes, à sua direita, ergue-se o rendilhado da velha igreja de Santa Cruz: à frente, o guarda-vento em pedra de colunas finas e cinzeladas, já com ornatos a lembrar o pré-barroco. Atrás, o grande portal encimado pela redonda rosácea manuelina, com o seu friso de estátuas e imagens atribuídas a João de Ruão e Nicolau Chanterene. Foi assim que Ricardo leu e, outra vez, confere.

Perante o *ex-libris* da Igreja de Santa Cruz, a “saudade de Coimbra” explode (“chega a ter saudades dela/quem nela nunca viveu!”). Menano canta na sua memória, Menano que, como ele e como Hilário, de Viseu viera...

Igreja de Santa Cruz
Feita de pedra morena
Dentro de ti vão rezar
Dois olhos que me dão pena!...

E acabou-se o “canal”.

À boca da Rua da Sofia, volta à direita, em frente da CGD e são logo os Correios e o Mercado. E já entra numa avenida mais larga; saberá depois que é a Avenida Sá da Bandeira. Junto a um casarão amarelo que, também mais tarde, saberá ser a Manutenção Militar, vira à esquerda e começa a subir para a Conchada e para Montes Claros. Zona feia: casas do fim do século XIX e princípios do século XX.

Já em Montes Claros aparece-lhe, à sua direita, a colina da Universidade, do outro lado do vale por onde corre a Avenida Sá da Bandeira que deixou junto à Manutenção. Por aquela baixada que vem desde os Olivais, para onde Ricardo vai, corria, na Idade Média, um rio que, vindo lá dos montes onde existiam os ditos olivais, ia desaguar no Mondego, no local onde fazia mover os moinhos e servia as olarias então aí existentes.

Finalmente chegou à Cruz de Celas! Vê-se bem a tal cruz espetada no meio do jardim; de resto, o revisor também avisou: “Cruz de Celas!”

Desce e puxa a tralha que consigo traz. Pergunta onde é a Rua Bernardo Marques. É já ali, toda a gente o informa. Repega na bagagem e lá vai ele às sobreposses. Logo à entrada da rua vê, pelo número que ostenta, a casa para onde se dirige. Até tem um aspecto exterior razoável: construção, como as outras, dos anos trinta/quarenta. É ali que mora o seu amigo e colega Resende. Bate à porta. É Resende em pessoa quem o vem atender. Abraçam-se.

– Estava à tua espera, pá! – diz o Resende, enquanto o abraça.

• • •

Na estação de Santa Apolónia, nas horas das partidas e chegadas, há sempre muita gente. Já em 1959, assim era: uns vinham, outros iam e outros ainda esperavam; no meio de todos, a corrida dos bagageiros. Os comboios, quer à chegada quer à partida, assinalavam a sua presença com silvos e apitos de vários tons e afinações.

No meio daquela barafunda, cada um cumpria o seu papel, incluindo aqueles que, na confusão da chegada e da partida, iam ficando com as carteiras dos mais apressados e distraídos. Note-se que no aperto dos eléctricos ainda era pior. Mas mau, mau, ficou depois, o Metropolitano, como a seu tempo veremos.

Pois, o comboio rápido com saída do Porto, estação de São Bento, às 8h15, destino a Lisboa, Santa Apolónia, e chegada prevista para as 15h20, acaba de entrar no cais, com um atraso de oito minutos. Frenou a fundo com guinchos de ferro contra ferro e imobilizou-se, no sítio exacto onde a linha acabava e onde o esperavam os abatisses de recurso, se tanto fosse necessário. Não foi. E lá temos nós as costumadas correrias, os berros e abraços, as lágrimas e risos, apitos e carteiristas incluídos...

Rosa Maria procura no meio daquele charivari alguém que mal conhece: os primos. Caminha, hesitante, em direcção às portas de saída, no topo da gare central, levando na mão esquerda, de modo a ser facilmente perceptível, a revista *Flama*. Além disso, arrasta uma grande mala. E leva ao tiracolo um saco de viagem.

Finalmente, é abordada por um casal de meia-idade de aspecto modesto, mas “lavado”, que vinha em contramão. E foi o sorriso da mulher quem primeiro falou, misturado com as palavras de reconhecimento:

– Desculpe, é a Rosa Maria, não é?

Que alívio!

– Sou, sou eu!

– Nós somos os primos!...

E a prima já avança com um beijo na ponta dos lábios, em direcção à cara da jovem parente que:

– Ah!... – e larga a mala que tomba e rapidamente é levantada pelo primo, que ainda nem teve tempo de se apresentar. Foi tão prestes na ajuda que ela só teve azo de agradecer:

– Obrigada! – para logo acrescentar: – Estava com tanto medo de vos não reconhecer! Há tanto tempo que vos não via... e depois, no meio de tanta gente... é uma confusão!...

Só agora Rosa Maria arranja “espaço” e tempo para beijar a prima. E, pronto, lá vão dois beijinhos ainda um tudo-nada sociais. Só então chegou a altura do primo estender a mão e dizer alguma coisa:

– Seja bem-vinda, priminha!

Rosa Maria corresponde e estende-lhe a sua.

– Tenho muito prazer em... vos reconhecer – e ri, ainda nervosa. Muito obrigada por terem vindo.

– Por amor de Deus! – replica a prima, só para não ficar calada, e logo mudando de tom: – Vai ver que vai gostar de Lisboa.

– Isto é outro mundo... – acrescenta o primo.

– Pois... – acrescenta ela.

Dito isto, a prima vira-se para o marido e lembra-lhe:

– Alberto, vai chamar um táxi, senão nunca mais chegamos a casa... O marido diz que sim com a cabeça e vai procurar um táxi.

– Sabe: a gente ainda mora um bocadito longe. É lá para Alcântara. De autocarro ou de eléctrico nunca mais lá chegávamos. De táxi é mais rápido e, como somos três, até nem fica muito mais caro, com a vantagem de ficarmos mesmo à porta, com as bagagens... – explica a prima.

As duas mulheres, arrastando a grande mala, vão ganhando o exterior da estação. E é então que se aproxima o marido da mais velha com o táxi que foi chamar. Sai do dito táxi e corre para as duas:

– Pronto! Já ali está o táxi.

E agora é uma “guerra” por causa da mala: a prima pega na mala da “priminha” e ela opõe-se: – Era o que faltava! – A prima insiste. – Por amor de deus! – E há réplica e tréplica.

O que valeu foi o primo ter chegado, mesmo no momento exacto, para acabar com a contenda. Meteu-se de permeio e, com licença, arrebatou a dita cuja mala das mãos das duas litigantes, acabando assim como a “guerra” do “faz favor”!

Atento, o taxista abriu a bagageira e tomou da mão do primo a mala da gentil disputa.

Entram os três para dentro do táxi: as senhoras atrás e o primo à frente, ao pé do taxista que logo perguntou qual o destino. – Alcântara, Rua dos Lusíadas – disse o primo.

O velho táxi arranca e lá vão eles. À direita é a colina da Graça e, mais abaixo, descendo até ao rio, Alfama; mais além o alto do Castelo e, na encosta, a velha Sé de Lisboa, entre o casario medieval. À esquerda corre o Tejo que, desde o “Mar da Palha”, se alarga até ao mar da Índia.

No meio de tanta evocação poético-histórica, irrompe, dentro da memória de Rosa Maria, a voz de Amália, cantando *Lisboa, velha cidade...* Rosa Maria havia de jurar que Amália lhe estava também a dar as boas-vindas!...

E é nesse desassossego das primeiras impressões que o primo inicia a sua função de cicerone:

– Lá em cima é o Castelo. Havemos de ir ao Castelo ver a cidade e o rio. É um deslumbramento. É ou não é, Carminda?

Está-se mesmo a ver que a Carminda é a mulher, que logo concorda:

– É! É muito lindo!

E Rosa Maria olha de um lado e do outro. Discretamente. Não tem nada que fazer o papel de parolista, perante os primos “lisboetas”... E o primo continua:

– Agora aqui é o Terreiro do Paço. Veja, o Terreiro do Paço simboliza o Poder deste país, à volta de um hectare de terreno vazio. E o raio do homem teve um risinho meio ambíguo que a mulher não percebeu, pelo acrescento que logo trouxe à conversa:

– Vazio, não! Tem o D. José...

– ... E o cavalo!... – rematou ele para, sem respirar, logo crescer:
– ... E, às vezes, tem dezenas de milhares de... – aí, virou-se para trás e baixou a voz para que o taxista não ouvisse: – “Burros”...

Só agora, Rosa Maria percebeu o tal risinho maroto do primo... A mulher é que não:

– E se calasses essa boca?!

– Isto é a gente a falar, que eu, quando é preciso, também cá venho...

Esta parte já foi dita virado para a frente. O táxi continua na corrida e ele também no seu “vade mecum”:

– Olhe, aqui é o “Caixodré”... a estação... os comboios da linha de Cascais e de Sintra...

Rosa Maria vê com os olhos e regista na memória... Ele e o táxi continuam:

– Ali é o Largo de Santos... Esta é a 24 de Julho...

Foi na 24 de Julho que Carminda voltou à fala:

– Primitiva, estamos quase a chegar...

E a viagem prossegue, o taxista vira à direita, depois à esquerda, e são mais umas ruas, sobe um pouco e... Alberto vira-se para o taxista:

– Faça favor de parar! – o taxista encosta e pára e ele informa a “primitiva”:

– Pronto! Cá estamos. É um bairro operário, muito sossegado. Aqui pode estudar à vontade!

Saem. Descarregam. Alberto paga ao taxista e entram na sua casa. Já lá dentro, Carminda faz as honras de dona da dita:

– É a nossa casa. Modestinha, mas é a que temos. Uma vida inteira a poupar e a fazer sacrifícios...

– É muito boa, e o lugar é muito sossegado... E o que eu preciso é de sossego para poder tirar o meu curso depressa e bem...

– E vai tirar, minha querida, e vai tirar! Venha comigo que eu vou mostrar-lhe o seu quarto...

Sobem as duas ao primeiro andar e dirigem-se ao quarto que tem uma janela donde se vê o estuário do Tejo...

Rosa Maria assoma à janela e canta: *Da janela do meu quarto, eu vejo o mar...* Quem continua é Tristão da Silva*...

Ela sorriu com a forma como a sua memória musical lhe foi apresentando Lisboa...

• • •

* Cançonetista então muito em voga do “nacional-cançonetismo”.

O torvelinho fantasmagórico de uma camioneta de carreira surge no lusco-fusco, ao fundo da recta que rasga o planalto ibérico, em direcção a Vermiosa. O tal torvelinho esparso vai-se aproximando e transforma-se num velho e desajeitado monstrozinho de ferro e chapa, com os olhos búzios a resfolgar cansaços. O ronco do motor começa a encher o silêncio onde a paisagem dorme.

Finalmente, o monstrozinho (que é uma camioneta de carreira) pára sobre a confluência da estrada com um caminho vicinal que dela parte para o lado direito.

De dentro da tipóia resfolegante sai Custódio, mais o José Pereira da Silva e um outro que se lhes adiantou na saída.

Depois de todos terem deixado a camioneta, esta volta a arrancar. Ficam apenas os três. Puxam as golas dos casacos para se protegerem do vento “espanhol” que lhes “faz a barba”! Batem com os pés no chão, para não arrefecerem... E o tal outro informa:

– Pronto! Cá estamos! Daqui ao ponto de encontro é pouco mais de meia hora a pé.

Dito isto acrescenta:

– A caminho!

E os três iniciam a marcha em direcção a uma fazenda abandonada. O trajecto é pela tal vereda pedregosa que segue para o lado direito e onde os pés estorcegam. Vão em fila indiana, calados. Custódio acende um cigarro. Dá uma fumaça e engasga-se... Vê-se que não está habituado a fumar... Pereira da Silva ri-se:

– Se não o sabes fumar, deita o cigarro fora!

– Sempre aquece...

A noite vai cerrando. Finalmente, chegam à tal fazenda abandonada. Dirigem-se para uma barraca que fica ao lado de um cabanal, onde se vislumbra uma certa claridade, através das frinchas da porta. O guia que chega abre esta. Lá dentro, sentados no chão, e comprimidos, uns contra os outros, estão cerca de meia centena de homens de todas as idades, desde rapazotes dos seus dezasseis/dezassete anos, até aos velhos com mais de sessenta. Pendurado na parede lateral está um gasómetro com a chama reduzida ao mínimo.

Quando os últimos chegam, os que estão lá dentro olham para eles, mas ninguém mostra qualquer interesse ou curiosidade. Tudo se mantém na mesma.

Com os que estão dentro, está um outro passador que, mal a porta se abre, se levanta e pergunta ao que chegou:

– Esses são os últimos?

Em vez de responder, o que entrou faz outra pergunta:

– Os de Leiria já chegaram?

– Já! – retorquiu o primeiro.

E o que chega volta a indagar:

– E os do Minho e Vila Real?

– Também!

– Quantos estão ao todo?

– Com esses dois, sessenta e sete.

Só agora o que chegou responde à primeira pergunta:

– Então, está tudo!

– Se está tudo, vamos ao caminho!

O que já lá estava vira-se para os candidatos a emigrantes e explica:

– Antes de sairmos daqui, algumas informações para todos. A passagem da fronteira tem de ser feita entre as onze – vinte e três horas – e a meia-noite, que é quando o caminho está livre.

Isto quer dizer que, se passasse um a um, cada um tinha pouco mais de um minuto, para se pôr do outro lado do rio. Mas estejam descansados, a travessia é em grupos e o rio é estreito.

Quando do outro lado for dado o sinal, isso quer dizer que o caminho está livre e há gente nossa desse lado, com transporte para vos pôr longe daqui.

O percurso até ao rio demora oito minutos e vai ser feito por grupos de dez, menos o último que é de sete. – E dizendo isto forma os grupos que numera. Eu sigo à frente com o primeiro grupo e volto para levar os outros pela ordem que indiquei. O meu trabalho termina no momento em que vocês passarem a fronteira. Se alguém for apanhado, desenrascasse como puder. Quem vos passou foi um tipo do Minho que vocês não conhecem...

E, agora, vamos comer uma bucha e esperar que chegue a hora. Abre dois grandes sacos de serapilheira cheios sandes que estavam escondidos atrás de si e informa, apontando os sacos:

– Neste saco as sandes são de queijo e neste de fiambre.

Distribui de acordo com as preferências. Todos comem devagar e em silêncio. Quando a mastigação está quase no fim, um deles pergunta:

– Há alguma coisa que se beba?

E o passador responde:

– Quando atravessares o rio, tens muita água para beber, se tiveres tempo...

O que perguntou não gostou da resposta. Vê-se pelo comentário e pelo movimento da cabeça:

– Prò caralho!

E o passador não gostou do comentário:

– Foda-se que o gajo é esquisito!

E acabam todos de comer a bucha, sem nada que se beba. No fim, o passador que os esperava abre a porta e prepara-se para sair:

– Vamos lá a ver como está o “campo” e o tempo...

Sai e fecha a porta. Passado alguns minutos, volta.

– O tempo está bom e o “campo” está livre.

Com o indicador direito aponta os primeiros dez:

– Atenção ao primeiro grupo e aos outros. Todos vêm atrás de mim, em fila indiana e agachados. Se alguém precisar de fazer as suas necessidades, aproveite agora, tem dez minutos.

Alguns saem. O passador volta a espiar a noite com seus olhos de mocho. Silêncio e frio. Não se vislumbra ninguém. Nem um rato se mexe. Cada um sabe a que grupo pertence.

– Pronto! A Espanha é do outro lado do rio. Avance o primeiro grupo...

O passador sai e atrás dele vão os primeiros dez, em fila indiana, agachados e a “galope”. São engolidos pela escuridão. Algum tempo depois, o passador volta e sai o segundo grupo. E assim, sucessivamente, até ao último.

Quando todos já estão junto do rio, soa um tiro no silêncio do longe.

– É o sinal. O caminho está livre. Agora é só convosco! Boa sorte!

Como perdigotos, todos saltam e, numa corrida por entre os salgueiros e os choupos, entram no rio que atravessam. E desaparecem no escuro.

Do lado de cá ficam apenas eles, os dois passadores, que recuam e se embrulham na noite que faz em Portugal.

• • •

D. Victória, assim mesmo com *c* antes do *t*, tal como ela assinava e constava do seu bilhete de identidade, D. Victória era uma mulher, digo, uma senhora muito recta e que ia sempre direita ao assunto. Viúva de um tenente-coronel de artilharia, na reserva, que tinha servido em Macau, herdou dele o aprumo e a frontalidade da parada. Até havia quem lhe chamasse D. Victória, a tenente cornélia! O homem morrera de uma apoplexia inesperada, quando dirigia os Serviços de Justiça Militar no Quartel-General. Ela, como te disse, ficou viúva e, só acrescento agora, a viver da magra pensão que lhe ficou por morte do dito cujo defunto. De seu para além da pensão tinha tão-só a casa onde morava na Rua Bernardo Soares, em Celas, e que ela e o marido haviam comprado com o dinheiro que conseguiram amealhar no Ultramar asiático. Ora, enquanto estiveram em Macau, D. Victória habituara-se a viver à grande e à chi-

nesa. Acabada a “missão” do marido, trouxe mobílias, loiças e panos e biombos que enchiam o porão do navio. Em Coimbra, armou, depois, tudo o que trouxera, pondo as salas e quartos a abarrotar de pesadões armários, camas e arcas, com os orientais biombos a tapar os cantos. As loiças ficaram expostas atrás das grossas vitrinas de cristal dos pesados guardas loiças. Todas as amigas a invejaram e ela, para que a inveja lhe não rogasse uma praga, foi-as presenteando com “souvenirs” que iam dos pratos às chávenas, passando pelos serviços de café ou de chá completos.

Dentre as amigas que em Coimbra fez, depois de aqui se fixar, destaco duas: a mulher, digo, a esposa do coronel Pestana, que fora governador civil do distrito, e D. Eustáquia da Silveira que tinha a seu cargo o altar do Santíssimo na Igreja de Santo António dos Olivais. Com elas tomava chá com torradas todas as quintas feiras. Esse era um dia de cerimónia social que obrigava a vestido de seda, que trouxera do Oriente, e chapéu com um pequeno pássaro embalsamado no cocuruto da cabeça. Este jeito do chapéu ela também o trouxe de Macau, ficou-lhe para toda a vida como iremos ver.

Devo também acrescentar que D. Victória era igualmente uma mulher de muita fé. Em casa tinha um altarcinho privado em honra do Beato Nuno Álvares Pereira (de que seu “defunto” também era muito devoto – ambos, ela e o marido, fizeram parte da “Cruzada de São Nuno” que o levou à honra dos altares, como beato); para além deste altar familiar, tinha a seu cargo na Igreja da sua paróquia, a tal de Santo António dos Olivais, o altar da N. Sra. de Fátima.

Acontece que, com a morte do seu “defunto” artilheiro-jurista, a vida apertou-se-lhe. A pensão que o marido deixara era curta e ela não teve outro remédio que não fosse alugar quartos a estudantes. Para o efeito, disponibilizou três quartos, donde retirou os pesados trastes orientais que substituiu por camas/divãs (2); mesinhas-de-cabeceira (2); armário guarda-roupa (1); mesa-secretária (2) e cadeiras (2), em cada um dos compartimentos, tudo do mesmo material (pinho) à boa maneira coimbrã.

E pronto! A casa que o Resende arranjou era a casa de D. Victória. Ricardo sabia lá quem era a D. Victória!

Depois do abraço da recepção, Resende ajuda o amigo, pega na mala maior e diz-lhe neutro:

– Entra, pá!

– Então o quarto? – indaga, curioso, o chegante.

– Não é mau! Mas entra, entra, que temos muito que conversar...

Vão para o quarto comum: era igual aos outros e a gente já sabe. Ricardo olha para tudo. Abre a janela. Dá para as traseiras. Sossegado. As primeiras impressões de Ricardo não são más:

– Bom! O quarto safa-se!
– O pior é o resto...
– A “vuncha”?... – e faz sinal de comer.
– Não é só a “vuncha”... é o estilo!
– Que estilo?!...
– Eh! Pá! O meu primo tinha-me dito que a casa era uma velha senhora viúva... de um tenente-coronel reformado ou na reserva, muito respeitável, que só recebia estudantes por especial “favor”... e etc. e tal!
– E então?!... Afinal a gaja é nova... e isto aqui é uma “realdaria”!...
– Fala baixo, caramba! Ela é mesmo uma velha incrível, pá! Tem a mania que isto é um “quartel” e ela o comandante... Eu podia lá pensar que o meu primo me arranjasse uma casa destas! Se eu sabia que era isto, nunca te dizia para vires para cá! Nem eu vinha!
– A gente amansa-a!...
Resende, que tinha andado no seminário, é um jovem respeitador das velhas hierarquias...
– Eh! Pá! Não armes bronca, por amor de Deus!... O meu primo ficava lixado. Foi um favor tão grande que a minha mãe lhe pediu...
– Não armo bronca nenhuma, pá! Se não serve, a gente muda-se e pronto!
– Mas, pelo menos o primeiro período, temos de cá aguentar...
– Isso veremos...
E, nessa altura, batem à porta do quarto e lá de fora vem a voz de comando da D. Victória:
– Senhores “doutores”, o almoço está na mesa!
Resende quase se põe em sentido e segreda:
– É ela! Vamos embora...
Ricardo não leva a sério o medo do amigo. E agora é ele quem se põe em sentido de palhaço, fazendo continência e como se estivesse numa parada militar, dá uma ordem de comando:
– Sem... tap*!
Começam ambos a rir-se, mas o riso de Resende é mesmo amarelo. Ricardo desfaz o sentido e a continência, ao mesmo tempo que ordena:
– Primeiro quero mijar e lavar as mãos. Onde é o quarto de banho...
– É ali ao lado...
Saem do quarto e dirigem-se ao WC. D. Victória espera-os na sala de jantar, de chapéu na cabeça, perfilada, atrás da sua cadeira, à cabeceira da mesa...

• • •

* Forma onomatopaica de reproduzir o som da ordem: “Sentido!”, dado nas paradas militares de então.

Rosa Maria já está em Lisboa há cerca de quinze dias. As aulas estão em pleno funcionamento e ela vai-se aclimatando ao seu novo ritmo de vida e de trabalho: sai pela manhã, almoça na cantina e vem jantar a casa.

Os primos continuam a sua vida habitual: Alberto também sai de manhã para ir para o trabalho e Carminda, a sua mulher, toma conta da lida caseira. Infelizmente, dizem eles, não têm filhos.

– Deus não quis! Lamenta-se a prima.

Se os tivessem, também Rosa Maria ali não estaria.

Hoje, Alberto já chegou a casa; está sentado na saleta, a ler o *Diário de Notícias*. A mulher acaba o jantar e vai pondo a mesa. Enquanto isso, vão conversando sobre tudo e sobre nada:

– Este jornal é cada vez mais a “voz do dono”! – verrina Alberto, enquanto dobra o matutino lisboeta.

Sua mulher já está farta daquela conversa:

– Todos os dias, dizes a mesma coisa...

– Porque, todos os dias, a trampa é sempre a mesma!...

Ela não está mesmo disposta a apagar-lhe o jogo da eterna refilice:

– Olha! Deixa de o comprar...

– Os outros ainda são piores...

– Que é que tu querias? Que se pusessem p’raí a dizer mal do Governo!... Era?!...

– A dizer mal não, mas, enfim, que não fossem uns... Como é que se chama aquela coisa onde os padres queimam o incenso? Tu é que deves saber: andas lá sempre na Igreja!

Carminda já está na cozinha e é daí que lhe responde, quase berando:

– Turíbulo!

E, logo, chega à porta da saleta. Não precisa justificar-se, mas é daí que lhe atira:

– Tenho a minha religião...

Alberto nem se dá conta da “pedrada”. Se a tem que a guarde...

– Isso: turíbulo! Que não fossem sempre uns “turíbulos”, como este...

Carminda não sabe nada de política, mas sabe que os jornais não podem dizer tudo aquilo que querem:

– E a censura? – obvia ela.

– Ora! Quando eles querem, sempre descobrem maneiras de furar o cerco. Olha o *República* e o *Lisboa*!...

– Então compra-os...

– Se me vissem com eles no emprego, então a marca que já lá me puseram é que ficava para sempre... E eu preciso de comer!

Vai a conversa neste pé quando sentem a porta de entrada a abrir-se. Àquela hora só podia ser a “priminha”:

– É a “pequena”... – presume a prima.

Era realmente a Rosa Maria que, logo da entrada, lhes lança um:

– Boa noite!

Ao que ambos respondem com outro “Boa noite!” igual, tendo logo Carminda acrescentado:

– Prà mesa depressa que está tudo a arrefecer...

Enquanto o primo vai lavar as mãos, Rosa Maria corre a guardar os livros no seu quarto. Isto feito, vai também ao quarto de banho. Durante estas movimentações e porque a casa é pequena, a conversa, embora num tom mais alto, continua...

– Então o dia? – pergunta Carminda.

– Correu bem! E o vosso? – responde e pergunta Rosa Maria, ao entrar no quarto de banho.

– O costume... – diz cada um do seu lado.

Quando todos se começam a sentar à mesa, Rosa Maria avança com a “novidade” que eles já muito bem sabem:

– Afinal estou a habituar-me a Lisboa, mais depressa do que eu contava...

– Lisboa é coisa boa!... – foi o comentário da prima.

– Ora! Lisboa é mas é uma aldeia grande! – emenda o primo.

– Hoje conheci dois colegas: um rapaz e uma rapariga que me pareceram dois tipos porreiros!

– Um rapaz?!... Coitado do Ricardo!... – receia Carminda.

E, já com a boca cheia de sopa, ninguém se atreveu a acrescentar fosse o que fosse.

Rosa Maria no sorver da sopa tem gestos delicados. Mal se ouve o passar desta da colher para a boca. Nem parece filha dos matarruanos primos que Carminda lá deixou na Serra da Nave, vai para trinta anos.

Carminda veio cedo para Lisboa: uma meninista ao serviço de casas ricas. No contacto com gente fina, foi-se escovando. Agora, comparada com os primos, ela é uma cidadina; eles, coitados, toda a vida agarrados à terra, estão ricos, lá isso estão, mas fuinhas e de casca grossa. Rosa Maria de atitudes tão gentis e gestos tão delicados, nem parece filha daqueles broeiros. Outra educação! Colégios caros, freirinhas evanescentes!...

Alberto, por seu lado, olhava para a priminha, por baixo, como quem não olha, invejoso com a forma como ela sorvia a sopa. Só ele era uma máquina aspiradora que se ouvia até na casa do vizinho – como sua mulher sempre o censurava. Agora, com a pequena ali, tinha de ter mais

cuidado e... procurava imitá-la. Enquanto comem há um certo silêncio. Cada um está concentrado no que está a fazer.

Só depois da sopa comida, é que Rosa Maria responde à prima:

– O Ricardo é o meu namorado e este que hoje conheci é apenas “amigo... político”... São coisas diferentes!

Carminda, enquanto vai retirando os pratos da sopa, e cheia de segundas intenções, mas sempre brincando, lá vai acrescentando:

– Ah! Amigo “político”!... No meu tempo não havia disso: amigos... “políticos”...

Rosa Maria leva a conversa a sério e replica:

– O seu tempo era outro tempo, prima! Hoje os jovens namoram, como no seu tempo, claro, mas também discutem política.

Carminda vai à cozinha levar os pratos da sopa e buscar uma travessa de carapaus fritos, “tesos como os carapaus”, que põe em cima da mesa a cheirar à fritura do fresco pescado. Depois torna pelo arroz corrido de tomate, ainda a papujar no tacho, com um raminho de salsa, ao centro, a recender à horta. Alberto serve Rosa Maria e ela agradece:

– Obrigada, primo.

Só depois, Rosa Maria continua a conversa com Carminda:

– Mas há amigos só por causa da política, prima! Esse tal moço que eu conheci hoje e uma outra colega que com ele vinha explicaram-me coisas que eu nem sonhava...

Esta parte da conversa interessa a Alberto que decide entrar também naquele bate papo familiar, enquanto se serve:

– Ah! sim? Que coisas?...

– Que o Salazar mantém milhares de pessoas presas, em várias cadeias políticas. Em Caxias, em Peniche, em Penamacor e na própria sede da PIDE, aqui em Lisboa, e nas delegações, quer no Porto quer em Coimbra – dito isto, acrescenta, com um maior dramatismo na voz. – Que até criou, à semelhança do que fez Hitler, um campo de concentração para os seus adversários políticos, no Tarrafal, em Cabo Verde... Sabiam disto?

Carminda, que também já se serviu e enquanto come, responde:

– Não se meta nisso, priminha! Deixe lá a política para os políticos!...

– Desculpe, prima, mas eu gosto de saber!...

E Alberto também gostou daquela resposta, mas não se quis abrir logo; prefere atacar os carapaus...

– Mas que ricos carapaus!...

Depois, meio a sério meio a rir, lá vai escorrendo:

– Olhe, priminha, a minha política são os carapaus!...

E pela forma como se atirou aos ditos, tudo fazia crer que assim era. A verdade é que, após algumas garfadas bem enfiadas e deglutidas,

começa a engasgar-se e o comer recusa-se a descer. Tem mesmo de parar. Suspende os carapaus e muda de tom:

– Quando eu vim para Lisboa, há mais de trinta anos, fui trabalhar para o Alfeite. Aí fui encontrar um tipo lá do norte, de ao pé de Espanha, de Montalegre, veja bem, de Montalegre! Era um artista na arte de torneiro! Foi o meu mestre, enquanto lá estive. Era um gajo sobre o ruivo. Diziam, nessa altura, que ele era o chefe dos comunistas. Não sei se era se não era. Só sei que era um homem bom. Um artista a sério! Tudo o que na arte de torneiro sei, a ele o devo!

E não é que o homem se começa a emocionar?! Os olhos ficam-lhe rasos de água e não consegue continuar. A voz foi-se-lhe. A mulher já sabe que, sempre que ele fala nestas coisas, se emociona e Rosa Maria nem sabe o que há-de dizer. Ele pára com o que estava a contar, depois faz um esforço e continua:

– Pois esse homem com *H* grande, lhe digo eu, com *H* grande, só porque era ou porque diziam que era comunista, foi parar lá a esse tal Tarrafal. Ele e centena e meia de outros. Muitos ficaram lá para sempre, mortos!... Ele foi um dos que por lá ficaram!...

E, agora, Alberto faz um silêncio de clara homenagem. Rosa Maria percebe e a mulher já sabe. Feita a homenagem que a mesa respeitou, procura, de novo, o controlo:

– Eu não sou político, repito! A minha política são os carapaus! Mas lá que se têm passado coisas esquisitas neste país, isso têm...

Carminda não está a gostar nada do rumo que aquela conversa está a tomar e mostra-o, antes que seja tarde:

– Cala a boca, homem! Se alguém te ouve...

Alberto não se cala e, em vez disso, dá um murro na mesa, pondo os copos um alvoroço:

– Estamos em nossa casa, mulher!

– Isso sei eu! Só que as paredes têm ouvidos!...

É altura de Rosa Maria intervir. Aquela história encaixa-se naquilo que naquela manhã aqueles dois colegas lhe contaram:

– E como se chamava esse tal seu mestre que lá ficou no Tarrafal, para sempre, ó primo? Esta pergunta fez que aos olhos de Alberto voltasse, outra vez, o mar da tristeza. E foi com essa tristeza na voz e no olhar que ele disse o nome daquele que lhe ensinou a arte e lá ficou:

– Chamava-se Bento Gonçalves... Hoje já quase ninguém se lembra dele!...

E voltou a calar-se, especado no tempo. Depois retoma a refeição e acrescenta:

– Por sua causa, eu e centenas de outros camaradas, eu era por causa dele, que o conhecia bem e era seu amigo, os outros não sei, mas fomos

todos bater com os ossos nos “curros” do Aljube, há cerca de quinze anos! – e ao dizer isto vira-se para Rosa Maria, com o queixo a tremer de raiva:

– A priminha não faz ideia do que eram esses famosos “curros” e Deus queira que nunca o saiba!

Domina, a custo, a tremura do queixo para retornar ao que estava dizer:

– E sabe porquê? Só por termos assinado um papel a pedir ao Salazar para acabar com esse inferno do Tarrafal... O “Campo da Morte Lenta”, como lhe chamou o Cândido de Oliveira, esse mesmo, o do Futebol, que também lá passou algum tempo, embora pouco!

E fica a abanar a cabeça como quem diz que sim, querendo dizer que não:

– Que eu nunca fui político, digo e repito, mas sempre me custou saber que havia e há, em Portugal, gente escorraçada, fugida e presa, gente torturada, até à morte, só porque não está de acordo com este “santo” regime do “filho”... – e toda a gente na mesa, pela forma como o “filho” foi dito, percebeu de quem ele o era, mas Alberto preferiu contornar a questão e rematou: – ... de Santa Comba Dão!...

Carmina já sabia que estas recordações acabam sempre nisto e Carmina tem medo, por ela e pelo marido:

– Oh! Homem! Tu vê lá o que estás a dizer!

– Não estou a dizer nada! Só quero é que a pequena saiba que entre aquilo que as freiras e os padres lá lhe ensinaram, no Colégio, e aquilo que a vida lhe vai mostrar, cá fora, vai um grande abismo!...

Rosa Maria recebeu o “recado”:

– E o que é que o primo me aconselha?

Ele acha que já disse o que tinha a dizer:

– Nada! nada!... A priminha é que há-de descobrir o seu caminho...

E volta a calar-se. Mete mais um carapau na boca e mastiga, devagar. E o silêncio estica-se até que aquele carapau seja engolido. Só depois é que ele remata a conversa:

– Olhe, priminha! Afinal, sempre vai o conselho: procure manter a espinha direita! Mas desde já a aviso de que vai ser difícil! Muito difícil...

E pronto! Agora é que a conversa acabou. O sinal são os carapaus. Vira-se para a mulher e exige:

– Ó mulher, mais carapaus, caramba!...

– Vê lá se te engasgas, fala-barato!...

• • •

Em Coimbra, naquele tempo, ainda havia praxe, a sério. A praxe era um emaranhado código de normas comportamentais estudantis, transmitido, oralmente, de geração em geração e respeitado, segundo um certo *tacitus consensus*. Estas normas tinham em vista iniciar e depois integrar o aluno no meio académico coimbrão, acompanhando-o sempre desde o levantar ao deitar*.

Estas normas, como aquela de obrigar o caloiro a ir para casa às 18 horas, (se fosse apanhado cá fora depois dessa hora, por uma trupe** , era

* Porque tu não és um “coimbrinha”, aqui ficam em nota de rodapé, algumas informações sobre a praxe académica da Lusa Atenas, para tua “edificação” e alargamento da tua basezinha cultural (!!!).

Escreve: a população de Coimbra dividia-se em dois grandes grupos “civilizacionais”: de um lado estavam os estudantes dos liceus e da Universidade (os estudantes das outras escolas – Enfermagem, Escola Agrícola e institutos médios particulares – não estavam abrangidos pela praxe); do outro lado, estava a “futricagem”. Os futricas eram os que nunca tinham sido ou já não eram estudantes. Os que vinham a Coimbra tratar da sua vida eram “passantes”, salvo as moças que chegavam por altura da Queima das Fitas, em busca de um “dr.”. Essas eram o “japão”.

Os estudantes dos liceus tinham, praxisticamente, a categoria de “bichos” (fora da praxe: ao cuidado da família, salvo os dos últimos anos que se arriscavam a um “rapanço”, se fossem apanhado, para além da hora. Os estudantes universitários eram escalonados da seguinte forma: “caloiros” (os da 1.ª matrícula) – a sua situação praxística era “abaixo de cão”; “semi-putos” (os da 2.ª matrícula) – subiam na escala e passavam a ser “merda de doutor”; os “putos” (os da 3.ª matrícula) – transitavam para a classe dos “doutores de merda”; só a partir da 4.ª matrícula é que passavam a ter a categoria “doutores” *tout court*.

Os que vinham de outras universidades eram designados por “caloiros estrangeiros” e sofriam de uma ligeira “*capitis deminutio*”, mas sobre eles a praxe era muito reduzida...

Quando os estudantes chegavam ao quarto ano do curso (5.º em Medicina que tinha mais uma ano) os “doutores” ascendiam à categoria de “grelados” e passavam a usar nas respectivas pastas, dobradas sobre si, uma fitinha em pano (espécie de fita de nastro) com cerca de 1 cm de largura e cor da respectiva faculdade. Nesta fita era armado um repolhudo laço com um nó próprio; esta fita com o tal laço é que era o grelo, cujo laçote ficava impante à mostra no ângulo superior da pasta, dobrada sobre si própria: No 5.º ano do curso (6.º em Medicina) o grelo era substituído por oito largas fitas, com as mesmas cores do grelo, a saírem da pasta estendida: quatro dos topos laterais quatro da base. A partir daí, os “doutores” assumiam o estatuto de “fitados”.

No dia do cortejo da Queima, os fitados substituíam as fitas por uma cartola e um laço com a cor das sua faculdade, passando à categoria de “cartolados” e os caloiros passavam a “pastranos”.

As cores eram as seguintes: vermelho – Direito; amarelo – Medicina; azul-escuro – Letras; azul-celeste e branco – Ciências; e roxo – Farmácia. Eram estas, então, as únicas faculdades existentes em Coimbra.

O estudantes universitários com mais de seis matrículas passavam à categoria de “veteranos”; o mais antigo era o “dux veteranorum” (chefe dos veteranos) que tinha um grande prestígio e força praxística (era ele quem assinava os “decretus” que suspendiam ou alteravam, em casos muito concretos, a praxe: *In nomine solemnissima sed semper stupradissima quoque tandem respeitabilissima praxis*, etc., etc., etc...)

As insígnias (grelo e fitas) só se podiam usar quando o estudante estava vestido com o hábito talar (capa, batina, calças, colete, gravata, meias e sapatos ou botas – tudo preto – e camisa branca. Podia, também, usar na cabeça um gorro preto). Quando o estudante estava vestido “à futrica”, só se distinguia pela forma como usava a pasta. Assim: aos “caloiros” era totalmente vedado o uso da pasta. O simples toque voluntário das mãos numa pasta era “punido” com uma forte “mocada” nas ditas mãos (“unhas” ou “casco”) do caloiro prevaricador. O “semi-puto” ou só “semi” já podia usar pasta, mas tinha de a usar toda estendida, sem qualquer dobra; os “putos” usavam-na dobrada ao meio, para fora; os quartanistas (quintanistas em Medicina), usavam-na dobrada da mesma forma, mas para dentro e os quintanistas (seistanistas de Medicina) usavam-na como quisessem.

** Trupe era o nome que se dava a um grupo de estudantes comandados por um “doutor” com categoria de “puto” ou superior (havia as trupes comandadas por um veterano que fiscalizavam as outras). As trupes tinham de sair da Porta Férrea, assumindo aí as insígnias próprias (moca e tesoura) e passando todos os seus elementos à situação embuçados, com as capas cruzadas de modo a ficarem as caras encober-

rapado) baseavam-se em certos regulamentos da extinta polícia académica, quando a Universidade tinha um foro próprio, e foram mantidos e adaptados, depois, ao longo dos tempos, com vista a assegurar uma certa coesão interna da vida universitária. As repúblicas (“reais repúblicas”) eram os grandes tabernáculos da praxe académica.

Tudo nas repúblicas era expressão da praxe, desde a disposição dos comensais à mesa, à ordem do serviço nas refeições (primeiro o “mor” e, depois, os outros, de acordo com a antiguidade). Onde a praxe era mais visível nas repúblicas era nas ornamentações (pinturas, trastes velhos, cornos e outros ornamentos), as quais começavam, logo à entrada, como as “armas” da “real república” e entravam pelos corredores dentro; alargando-se nas paredes das salas, cozinha e quartos; encolhendo-se nos cantos e recantos; desciam às caves e esconsos, para se peidarem nas retretes.

Tudo numa república (mesmo nas retretes) cheirava a praxe!

Assim, não admira que fosse nas tais “reais repúblicas” que o “desmame” da caloirada se iniciasse e aí se cumprisse, em grande medida.

Os caloiros começavam por ser “mobilizados” para uma certa e determinada república por um qualquer “doutor” (mesmo “merda de doutor”) à saída das aulas. A sua não comparência à hora marcada implicava a pena de “rapanço”, isto é, ao caloiro eram retirados os atavios capilares.

Chamava-se ao tal “desmame” nas repúblicas, a “real escovadela”. Todo o caloiro, porque era um animal de “pêlo” e de “cascos”, precisava de ser devidamente “escovado”, a fim de poder vir a ser mais tarde armado “cavaleiro do saber” pela vetusta “*Universitas, Universitatis*”...

Naquele dia, estavam mobilizados para a “Pr’akistão” oito dos ditos cujos “animais de pêlo e Cascos”, entre os quais Ricardo e Resende. Todos ali estão ridiculamente vestidos: o Ricardo travestido de tricana; um outro, que é negro, tem uns grandes cornos de boi barrosão; outro está disfarçado de lente – borla e capelo; o Resende veste de Cardeal – (Cerejeira?); só que, em vez do báculo, tem na mão um... nabo! e os outros estão de outras diversas formas. Para os que se não conseguiram trajes mais adequados, foi-lhes exigido que virassem as batinas do avesso e tirassem as capas.

– Ó caloiro, diga-me lá: qual é a prognose póstuma da fenomenologia batatal? – perguntava um veterano.

tas. O seu objectivo era apanhar e repar os caloiros surpreendidos na rua depois das 18 horas. Passada esta hora, os caloiros só podiam sair acompanhados pela família próxima (“protecção de família”), por uma senhora (“protecção de dama”), ou se fossem participar nos trabalhos de um organismo académico (Orfeon, TEUC, Tuna, etc.).

Ricardo, que é o caloiro-tricana, finge concentrar-se; faz contas de cabeça e passado algum tempo responde com muita seriedade e convicção:

– A prognose póstuma da fenomenologia batatal é igual à raiz quadrada da soma do quadrado dos catetos!...

A resposta e o tom em que foi dada surpreenderam, pela positiva, o veterano que não pode evitar um certo sorriso, logo disfarçado. É que um “doutor” não pode entregar assim os pontos, logo na primeira vasa. Reprime o sorriso, faz cara de pau e continua:

– Sim senhor! Já vi que o caloiro é um batateiro. Vamos lá ver como se safa na geometria: quanto mede a hipotenusa de um triângulo retângulo, considerando que a soma do quadrado dos catetos é igual ao cubo do comprimento das circunvalações da massa fecal que o caloiro tem na cabeça?

Esta era mais difícil! Ricardo tem um *ffff!* bem soprado de impotência e meneando a cabeça para baixo e para cima, sempre vai dizendo:

– Com essa é que o “doutor” me arrumou! Com tanta circunvalação de massa fecal metida nos cornos do caloiro, eu só posso concluir: mas que MERDA!

Obviamente, o Veterano não contava, também, com esta resposta e, por maior esforço que fizesse, acabou por se rir mesmo! Mas logo retomou a seriedade doutoral...

– O caloiro tem a mania que tem piada!... Como castigo por ter faltado ao respeito devido ao lugar onde está, vai ficar virado para aquele canto – e aponta o canto –, enquanto eu não disser para se voltar!

Ricardo vai para o tal canto e para aí fica virado, espiando de lado o que se passa nas suas costas. O Veterano continua no “escovançaço” geral... Agora dirige-se ao Resende e ao caloiro negro.

– Vocês os dois aí vão à Farmácia Vilaça comprar uma gabardina. Aqui têm a mala para trazer o impermeável. – E entrega a Resende uma velha mala de cartão.

– E vou assim, de bispo? – pergunta o Resende incrédulo.

– Se quiser pode ir de monja!

O Caloiro-Eminência pega na mala e murmura um:

– Sim senhor...

– O “sim, senhor” tem a besta aos “tefes”! Aqui não há “sim, senhores”; há caloiros e doutores. Compreendeu, sua besta?... – ensina o Veterano.

– ... quadrada! – concorda o Eminência.

O caloiro negro já nem se atreveu a perguntar se ia de cornos. Era evidente que sim.

– Sabe que mais, caloiro? Vá à... *botica* e cure-se!... – remata o Veterano.

– Eu vou. E o dinheiro para pagar a “farpela”? – pergunta o “Eminência”.

– Isso é convosco! Quem a pagar, tem direito a usá-la, na primeira noite de “temporal”! Andar! Andar!... que a chuva vai cair! – informa o Veterano por uma deferência... especial! – Ah! já me ia a esquecer. Quem avia a encomenda é aquela coisa “munta boa” do balcão da esquerda. E pronto, andar que se faz tarde! – berra.

E os dois caloiros, tal como estão, saem para a rua com a grande mala. Lá fora, no largo em frente ao cinema Sousa Bastos, é uma galhofa pegada dos outros estudantes. E lá vão eles “naquela figura”, a descer as escadinhas que do largo do Sousa Bastos vão em direcção ao Arco da Almedina e ao “Canal”.

Enquanto estão na Alta (até ao Arco da Almedina) já ninguém da “futrícagem” liga muito àquilo: é o costume! A partir de tal arco, na Baixa ou “Canal”, é que as coisas mudam de figura, perante o pasmo dos passantes e turistas que não compreendem muito bem aquele “Carnaval” fora de tempo...

• • •

A cantina universitária de Direito, na cidade universitária de Lisboa, é onde Rosa Maria costuma ir almoçar. No momento em que entramos, o refeitório está cheio de estudantes a comer, ao som de uma música do nacional-cançonetismo, em voga.

Rosa Maria está na bicha do “self-service”. Depois de escolher a refeição e de pagar dirige-se para uma mesa ainda vazia, onde se senta. Pouco depois dirige-se para a mesma mesa um outro comensal.

– Posso?

Rosa Maria levanta os olhos e, naturalmente, com um sorriso, responde:

– Faça favor!

Enquanto o que chega coloca o tabuleiro e se senta, chega um outro.

– Lugar para mais um?

Rosa Maria e o que se tinha acabado de sentar apercebem-se de que, atrás do que estava a chegar se aproxima uma outra moça que igualmente se dirige para aquela mesa e, antecipando-se ao pedido desta, respondem ao mesmo tempo:

– Para mais dois...

E desatam a rir por terem dito, ambos, a mesma coisa.

– Você roubou-me a frase... – refila Ana Maria.

A que estava a chegar em último lugar ouviu o dito e o contradito e entra no jogo:

– Posso, mesmo?

– Sente-se, colega! – foi a resposta dos três.

O primeiro que chegou quis voltar atrás à brincadeira com Ana Maria e, procurando ter graça, embora com um certo “charme” machista, confirma o “roubo”:

– É! Eu sou um “roubador”!

Só que Ana Maria não embarca naquele batel furado da provocação machista:

– Já cá faltava o “macho latino”!...

O “provocador” percebeu que tinha metido o pé na poça e muda imediatamente de tática:

– Eu? Até sou maricas... – e meneia-se todo, tentando dar corpo ao que disse. Os outros riem-se e ele assume o seu tom verdadeiro:

– Não tenho ideia de já vos ter encontrado em algum lado... São todos caloiros?

– Eu não. Chamo-me Sofia e ando em Letras.

– Eu sou caloiria de Letras e chamo-me Rosa Maria

– Eu ando em Direito no terceiro ano e o meu nome é Luís.

– Pois eu sou o António e ando no terceiro ano do Técnico – remata o perguntador.

Apresentações feitas, começam a comer. E é já a comer que Sofia se vira para o António, estranhando:

– Mas vocês têm lá Cantina!

– Pois temos, mas hoje tive aqui uma reunião, em Direito, e resolvi comer nesta.

– E onde se come melhor? – quer saber Rosa Maria.

António encolhe os ombros e dá uma opinião pouco abonatória:

– Em nenhuma...

Depois, procura um pretexto para ir mais “longe”, no conhecimento dos colegas:

– Vocês não são de Lisboa, claro! Senão iam comer a casa...

– Eu, por acaso, até sou. Só que moro um bocado longe e os transportes nem sempre dão para ir almoçar a casa – é o que responde Sofia.

Rosa Maria pega na palavra e informa, por sua vez que:

– Eu cá sou de perto de Viseu e tenho quarto lá para Alcântara. É também um bocado fora de mão...

– Pois eu sou alentejano... Não se nota na fala? – pronuncia Luís, marcadamente à alentejana.

Sofia volta a brincar:

– Nota-se lá!...

E António decide meter-se agora com Rosa Maria:

– Aqui a de “Bijeu” é que se topa à distância...

Ela cora. Francamente, não gosta nada que a topem pela fala... e, ainda por cima, à distância...

– “Notaxe” muito que eu falo à “Bijeu”?...

– “Notaxe” lá! – brinca António.

– E se falar? É a sua fala!... – interpõe-se Luís, conciliador.

E Rosa Maria tirou de imediato as conclusões: “Tenho de perder esta pronúncia feia!”

– Este gajo até parece de Letras, com a mania das “falas”... – justifica António.

– E tu donde és? – pergunta Luís.

António, em vez de responder, desafia:

– Bô! E ó menino, quem adivinha?

Rosa Maria, que tem bom ouvido, conhece aquele jeito de dizer “bô” e “ó menino”!:

– Esse “bô!” só pode ser de Trás-os-Montes!... lá pròs lados de Bragança...

António bate-lhe palmas pelo “desarricanço”:

– Bem me eu finto, carai!... De Bragança, exacto!... Melhor dizendo: Freixo de Espada à Cinta...

E todos dão uma gargalhada com aquele pedaço linguístico de Trás-os-Montes.

E Sofia engata de imediato com a conhecida lengalenga:

– ... *em Freixo de Espada à Cinta*

nasceu Luís de Camões...

Que Rosa Maria continua:

– *sua mãe, D. Jacinta,*

negociava em melões...

Ao que António contrapôs:

– Essa foi inventada pela reacção clerical para denegrir o “Camões” de Freixo-de-Espada-à-Cinta que, como toda agente sabe, era o Guerra Junqueiro da *Morte do Padre Eterno*.

E mal lhe citou o nome, atira, com grande sanha jacobina:

Ide dizer ao velho Torquemada

Que queime, se é capaz, num forno, uma alvorada!

...

A crença é como o luar que nas trevas flutua;

A razão é do céu o esplêndido farol:
Para a noite da morte é que Deus nos deu a Lua...
Para o dia da vida é que Deus fez o Sol!

Rosa Maria ficou surpreendida com a citação e não resiste:
– Você é ateu?
António em vez de responder, ladeia a questão:
– Porquê? É importante?... – e conclui: – Importante é saber que...
– e volta a recitar:

A burguesia dorme
Como a jibóia enorme
Que rressona, depois de devorar um toiro!
Ó jibóia feliz, ó burguesia, a pança
Dorme com segurança
Que a força está de guarda
Aos teus bezerros d’oiro!

Rosa Maria, por uma questão de lealdade e frontalidade, achou que devia pôr os pontos nos is:

– Pois, eu cá sou católica.
– E faz muito bem! – redarguiu António que prontamente acrescentou:
– Logo que ajude a matar a “jibóia” e a derrubar a “força”, ser católico não impede...

Sofia acha que por aquele caminho a conversa vai entupir e por isso decide tirar as tralhas religiosas do trajecto:

– Eu cá não ligo nada a essas coisas da religião...
E a conversa parece que, apesar da intervenção de Sofia, entupiu mesmo. Durante algum tempo todos comem em silêncio. Quando acabam, António que foi o causador daquele “entupimento” propõe uma saída de consenso:

– E se fôssemos todos até ao cineclube ver *O Ladrão de Bicicletas*? Ou alguém tem aulas à tarde?

O consenso foi obtido rapidamente. Rosa Maria decide quebrar um pouco o gelo que lançou:

– Vocês querem saber que, lá no Colégio onde andei, nunca me deixaram ver *O Ladrão de Bicicletas*?

– Essa agora! Porquê? – pergunta Sofia.
– Porque as freirinhas diziam que não era um filme aconselhado a uma menina católica...

– Bô! só se for por mostrar a pila do miúdo quando ele mija!... – riu António com a pilhéria.

E, com António, todos se riram também.

Este riso soa a “cachimbo da paz” e do cachimbo sai o fumo da camaradagem que se levanta para além das crenças.

Apanham o eléctrico e vão todos ver o filme.

• • •

Na Baixa coimbrã, os passantes riem-se ao verem os dois caloiros naquela figura. Os de Coimbra já estão habituadas. Os estrangeiros registam fotograficamente aquela cena “very typical! Very typical!”...

O “Eminência” e o caloiro negro dos cornos espetados entram na Farmácia. Toda a gente que aí se encontra se vira para eles. Ficam encabulados. No balcão da esquerda lá está “aquela coisa ‘munta’ boa!” Resende, o “eminência” que andou no seminário, não tem coragem para se lhe dirigir e o caloiro dos cornos muito menos... Há um tempo de impasse. Finalmente, o caloiro dos cornos, em voz baixa, diz para Resende que avance:

– Tu é que tens a mala. Vai lá tu!

Apesar da evidência, Resende não é capaz e no mesmo tom de voz devolve:

– Tu é que foste encarregado do negócio. Vai lá tu!

Um empregado mais velho, cofiando a pêra, ao aperceber-se da “dificuldade” dos dois caloiros e checando o tipo de mobilização a que estes estavam sujeitos, dirige-se-lhes, directamente, perguntando se vinha pela “gabardinezinha”...

Que sim senhores responderam ambos em coro.

– Um momento!... – pediu ele.

E foi lá dentro e já traz qualquer coisa na mão. Abre a mala e mete o que trazia dentro da dita, posto o que volta a fechá-la. Resende fica radiante. Afinal, foi fácil...

– Quanto é? – pergunta ele, morto para se pôr na alheta.

– Não é nada! É oferta da casa!... – sossegou o da pêra.

Lépidos, ambos agradeceram:

– Obrigado! – e puseram-se a andar “arrastando” a mala, carregada com o peso da “gabardina”...

Quando chegam à república, foram recebidos por uma salva de palmas que veio das janelas da “Pr’akistão” e dos que estavam no largo do Sousa Bastos:

– Boa, caloiros!

Depois de terem ido ao cinema o grupo de estudantes em Lisboa vai para o café discutir o filme que acabaram de ver.

Aquele café é um local *sui generis*, onde a maior parte das mesas está ocupada por estudantes – muitos rapazes e algumas raparigas – uns conversam e outros estudam. A um canto, até estão duas mesas juntas e sobre elas foi montado um “estirador de desenho. À volta das mesas e do estirador há um grupo que trabalha, em mangas de camisa, como se estivesse no seu ateliê.

Em algumas mesas isoladas, há um ou outro “estranho” que toda a gente afinal já sabe quem é. Ali um “estranho” só pode ser isso mesmo: “bufo”!

É já contando com a presença inevitável desses “bufos” que as conversas se desenvolvem ou se empapam.

– Seja como for, eu acho que o *Ladrão de Bicicletas* é, ainda, um grande filme! – opina António, enquanto se senta na mesa escolhida.

– Mas eu não digo o contrário – contrapõe Sofia, enquanto se senta também –, só que hoje estão a surgir novas estéticas. Vocês já viram *La Dolce Vita* de Fellini?

– Olha Fellini! É um complicado!... Eu tenho muita dificuldade em entrar no “universo felliniano”! – confessa Luís.

– Porque és um “chaparro”!... – retorquiu Sofia, a cidadina.

– ... do Baixo Alentejo, lindinha!... – localiza ele.

Quando já estão todos sentados aproxima-se mais um par: ele é negro e chama-se Joseph e ela é loira dá pelo nome de Luísa. A chegada destes não perturba a conversa:

– Fellini e Antonioni... – perora Sofia, armada em intelectual.

– Podemos entrar na roda? – pergunta o negro.

– Ora vivam os “pombinhos”! – festeja António que os conhece bem. Os outros não e, por isso, António vira-se para eles e apresenta:

– Este é o Joseph, é de Angola e anda em Agronomia; a Luísa não sei donde é e anda em Económicas. Pronto! Estão feitas as apresentações. E se não estão, façam-nas vocês melhor, que eu não tenho jeito para mestre-sala!

Dito isto volta-se para o par que chega e acrescenta o óbvio:

– Arranjem cadeiras e sentem-se que a gente está aqui numa “guerra” à volta do cinema italiano...

Os que chegam puxam cadeiras, sentam-se e integram-se rapidamente na conversa.

– Continuem, continuem! E desculpem a interrupção... – pede Joseph.

– Dizia eu – continua Sofia – que Fellini e também Antonioni são dois marcos do cinema italiano moderno!

– Ó Sofia, mas eu não digo menos disso, pá! O que eu quero dizer é que, apesar de tudo, Vittorio de Sica e os neo-realistas são a grande expressão estética da nossa geração – contrapõe António.

– Não sei porquê! – duvida ela.

– Porque é a estética dos oprimidos, percebeste?! Cada classe, no seu processo de luta, engendra a sua própria estética. Estes valores estéticos integram a superestrutura ideológica dessa mesma classe e é também através deles que ela procura afirmar-se. Dá para entender? – teoriza António, militantemente.

– É um bocado complicado, mas julgo perceber – concede Sofia que logo contra-ataca:

– Só que a criação artística não está assim tão linearmente ligada às forças produtivas. Antonioni, Fellini e Visconti são tão relevantes para a definição estética do nosso tempo como De Sica e os demais neo-realistas! De resto, o neo-realismo, em minha opinião, está a dar as últimas...

– Eu também acho que sim! – concorda Luís – A grande moda passa hoje pela *nouvelle vague* francesa: Truffaut e Jean-Luc Godard!... – e virando-se para António interroga: – Tu já viste o *Tirez sur le pianiste* ou o *À bout de souffle*? São dois grandes filmes!...

António não se dá por vencido e continua a puxar a brasa à sua sardinha:

– O Visconti, sim! *Rocco e os Seus Irmãos* integra-se perfeitamente na estética dos oprimidos...

E é nessa altura que Rosa Maria decide entrar na discussão:

– Posso?

António arma-se em porta voz do grupo e:

– Faz favor! Tens os mesmos direitos que estes fala-baratos! – depois, brincando anuncia:

– Tem a palavra, “Bijeu”!

Rosa Maria engalinhou com aquela do “Bijeu” e emonada retorquiu:

– Pois, então, não digo nada!

– Estou lixado com esta gaja!... Por isso é que eu às vezes até acho que os tipos de Coimbra, lá com aquela mania da praxe, têm alguma razão. Começam por tirar o “pêlo” aos caloiros e, depois de “escovados”, ficam “animais” decentes! Ó querida, tu não vês que estou a brincar?! Queres que eu te peça de joelhos para emitires a tua “douta” opinião?

Rosa Maria respondeu com um vai à merda com a “douta”! E esta “restrição” logo deu para entender que ela já lhe tinha perdoado e que o “pêlo” que lhe cobria o seu provinciano acanhamento estava a cair... Foi assim, um pouco já “escovada”, que ela continuou:

– Eu praticamente só tenho visto as “cobiadas” americanas, os históricos, estilo *Ben Hur*, o musical e os românticos. É o que chega a “Bijeu”, como tu dizes.

Sofia não desvaloriza assim tanto como Rosa Maria os americanos e, por isso, adita:

– Nota que nos americanos, também há gajos muito bons, “óviste”? O Hitchcock, por exemplo! O Arthur Penn e o Elia Kazan de *Um Eléctrico Chamado Desejo*, do *Há Lodo no Cais* e do *A Leste do Paraíso*, para além dos clássicos: o Orson Welles e outros...

Rosa Maria não contava com aquela ajuda e, em vez de confessar a sua ignorância sobre todos aqueles nomes e filmes que ela referiu, preferiu usar a grande perífrase:

– Pois!...

– Só há uma coisa em que tu te enganas, minha querida – returque António para Sofia. – A miséria que viste n’*O Ladrão de Bicicletas* não é só a miséria do “povo italiano” no fim da última guerra, não, é a miséria actual de milhões de pessoas, por essa Europa capitalista fora, na América Latina, em África, na Ásia e aqui em Portugal. Pois! Aqui em Portugal! Por isso é que eu entendo que o neo-realismo é a grande estética da denúncia! Ela ajuda-nos a tomarmos consciência de que só as massas trabalhadoras têm capacidade para alterar esta situação e para construir uma sociedade melhor, uma sociedade mais justa.

Rosa Maria até concorda, só que não sabe como o dizer:

– E, ao fim e ao cabo, qual é o nosso papel, o papel dos estudantes, no meio disto tudo? – aventura-se ela?

– Temos de optar, minha querida, temos de optar: de um lado ou de outro! Dos dois lados ao mesmo tempo, é que não podemos estar – remata definitivo António.

Rosa Maria não está assim tão segura e atreve-se a mostrar as suas dúvidas:

– E o amor ao próximo?!

Aí António riu-se. Com vontade!

– Mas que amor, pequena? O que leva a gente a ir prà cama?

Rosa Maria fica encabulada. Vê-se que não está habituada a este tipo de linguagem...

Luís que, apesar de “chaparro”, é menos frontal e tem um estilo mais manhoso e rebuscado, censura a sem-cerimónia do transmontano:

– És um bruto, pá! Até fazes corar a mocinha!

António reconhece que, mais uma vez, meteu o pé na poça:

– Outra vez, desculpa! Eu não quero ofender os teus sentimentos. A minha preocupação é falar claro. Percebes? Falaste em amor e falaste em próximo; nunca a Igreja salvou o “próximo” com o tal amor; essa palavra está desacreditada pelo uso abusivo que, durante séculos, a Igreja vem fazendo dela. Não te esqueças que foi em nome do “amor” que os “cru-

zados” da Idade Média dizimaram centenas de milhares ou milhões de árabes e mouros; foi em nome do “amor” que a “santa” Inquisição queimou outros tantos milhares de judeus e cristãos novos; foi em nome do “amor” que Franco levou à morte quase um milhão de espanhóis; foi em nome do “amor” que o Papa Pio XII abençoou os canhões que Mussolini mandou para a Etiópia para matarem os próprios etíopes; e foi em nome do “amor” que o mesmo papa se calou perante a ignomínia dos Campos de Concentração de Hitler e dos milhões de mortos que este provocou por essa Europa fora; foi em nome do “amor” que Salazar mandou os seus adversários políticos morrer para o Tarrafal e continua a torturar em Peniche e Caxias! Estou farto desse “amor”, porra!

Começa a tornar-se óbvio que alguns dos ocupantes isolados das mesas próximas, ao lado, se começam a interessar-se pela conversa e fazem esforço por seguir a mesma... Sofia está atenta e corta:

– Estamos a ser “escutados”! Há ouvidos muito interessados nesta nossa conversa... O melhor é sairmos!

– E para onde? – indaga António.

– Vamos até à casa da minha avó. Lá é mais seguro... – respondeu ela.

Deixam em cima da mesa o dinheiro das “bicas” que tomaram. Fazem sinal ao criado que vem recolher as chávenas e levantar o dinheiro.

Na saída, Luís não consegue esconder o “amor” que tem aos tais “estranhos” de ouvidos sempre atentos e atira-lhes, por entre os dentes, os seus cumprimentos:

– Filhos de um cabrão! Ainda um dia hão-de comer a merda que ouvem!...

E os seis saem e lá vão. Os tais “ocupantes isolados”, isolados ficam. Há sempre que ouvir num café daqueles...

• • •

Custódio atravessou Espanha e entrou em França, através de uns Pirenéus cobertos de neve.

O que foi o calvário dessa travessia só ele o sabe e espera um dia poder contá-lo à mulher e aos filhos, se valer a pena... Que há coisas por que um homem passa na vida que, às vezes, o melhor é a gente calar-se. Ninguém acredita.

Depois da escalada e da descida dos tais Pirenéus gelados, meteram-no, a ele e aos demais, dentro de um comboio com direcção Paris. Alguns foram ficando pelo caminho. O seu companheiro José Pereira da Silva, da Coelheira, por exemplo, ficou em Bordéus. Foi de lá que o chamaram. Custódio continuou.

Era já noite cerrada, quando o comboio onde Custódio vinha entrou numa estação que lhe pareceu uma catedral pelo tamanho! Era a estação de Austerlitz, conforme o informaram. Ah! aquela é que era a estação de Austerlitz! E ficou de ventas no ar a olhar para aquele mundo...

– Olhem só para isto, caramba! – dizia ele para os que o acompanhavam. Aqui dentro cabem, bem à vontade, quatro ou cinco sés das de Viseu!

A sé de Viseu fora o maior espaço fechado que ele, até então, já vira.

É um mar de gente, vozeria e confusão. Apitos e gritos. Todos correm. Falam alto. Berram. Abraçam-se. Se o padre o não enganou, aquela é a Babel de que falam as Escrituras. Alguns dos que chegam têm amigos ou familiares à sua espera. É uma alegria de abraços e beijos.

À espera dele deve estar o Ladeira e o tal da fotografia cortada a meio. Foi assim o combinado. Olha para todos os lados e vai caminhando, empurrado pela corrente, em direcção às saídas. Só que do Ladeira, nem sombras e do da fotografia nem sinal. – *Putá que os pariu!* Lamenta-se ele, para consigo próprio.

Os outros que o acompanharam, desde Portugal, começam a desaparecer. Custódio pergunta pelo Ladeira, mas ninguém sabe quem é o Ladeira. Pelo outro tal da fotografia cortada ao meio nem pergunta. Nem ele próprio sabe o nome!

Depressa acaba por ficar sozinho, no meio daquele turbilhão de gente que se faz e desfaz, ao sabor das chegadas e partidas dos vários comboios que dali saem ou ali entram. Anda no ar um zumbido de palavras e bocados de uma língua de trapos. Sente fome e frio e, mais do que isso, sente-se cansado. Há mais de quinze dias que não põe o dente em comer que se veja. Só tabletes ressequidas de chocolates e, para beber, a água que foi encontrando nas fontes e regatos dos caminhos espanhóis. Quanto ao frio, se não morreu entiritado lá nos Pirenéus, nunca mais morre. No que toca a dormir, depois que saiu de casa, a sério, a sério, nunca mais dormiu.

– E o Ladeira não aparece, nem manda recado, caramba!

Convencido de que o Ladeira já não vai aparecer, encaminha-se para um táxi, como os demais fizeram, e disse a única palavra que sabia em francês: “Champingny”! O taxista percebeu e abriu-lhe a porta; ele entrou e o táxi arranca. E é vê-lo a galgar largas e compridas ruas, avenidas e *boulevards* (souve, depois que era assim que se chamavam àquelas avenidas mais largas, lá em Paris); cruzou umas e outras, circundou praças e jardins, deslizou sobre pontes, pisou asfaltos e paralelepípedos. Passou por sobre um largo rio.

E sempre o pandemónio de luzes e faróis, vermelhos de trás, brancos pela frente, que iam e vinham de e para todas as direcções e sentidos; cruzavam-se e misturavam-se com anúncios e néones que berravam na noite molhada com as várias cores do arco da velha. Um imenso arraial de milhões de lâmpadas que saem de dentro da neblina daquela chuva miudinha...

À frente, no tablier do táxi, ali no seu lado esquerdo, havia uma espécie de relógio eléctrico, a contar, sempre a contar... imparável. E ele já nem sabe se terá dinheiro para pagar aquilo tudo. E o ponteiro daquela espécie de relógio dá saltos, de vez em quando, e conta mais... e conta mais... e mais! E, agora, parece-lhe que há menos luzes à volta do carro e passaram a circular por ruas mais estreitas de casas mais baixa; já não há “néones”, nem anúncios luminosos. E nunca mais é “Champigny” e ele não sabe como perguntar se falta muito para Champigny. Ele só sabe é que todo o dinheiro que consigo traz são os três mil escudos que metera no bolso de dentro das cuecas!

De um momento para o outro, tem um arranco, levanta o braço esquerdo, quase em frente da cara do taxista e grita:

– Arretez la banhol, monsiú!

E o motorista, impávido, encostou ao lado, parou e só disse:

– Mais oui, nous sommes a Champigny!

– Quanto é “darjá” português?

– Je ne comprend pas! – responde o imperturbável motorista, sem tirar as mãos do volante, nem se mexer de onde estava.

Custódio esfrega o polegar no indicador e volta a perguntar:

– Quanto?

O motorista que é burro ou se faz, só olha e não diz nada! Custódio tira o dinheiro das cuecas e mostra-o ao motorista:

– Quanto, porra?

Só agora o motorista mostra ter entendido alguma coisa e diz na sua língua de trapos:

– Ah! C’est bien!

Custódio não percebeu a ponta de um corno daquilo que o motorista disse; só viu que ele lhe arrancou das mãos as notas e, sem dar qualquer troco, o empurrou para fora do carro e desapareceu na quase escuridão da noite. Tal qual: desapareceu na escuridão da noite!...

Só então Custódio repara que está completamente só num lugar mal iluminado, no meio de construções muito pobres com ruas de lama. A maior parte das construções são de latas e cartão grosso, algumas de restos de taipas e velhas portas e janelas trazidas de casas demolidas. Só

uma ou outra é já de tijolo e cimento e têm portas e janelas novas. Tudo roubado nas obras, soube-o depois.

Em algumas ruas (de terra e lama) nem candeeiros existem. Isso não preocupa muito Custódio. Na sua terra também as ruas são de terra e pedra ou lama e também não há electricidade e as pessoas vivem!

Fura a escuridão com a vista. Não vê ninguém.

– *E agora?* – pensa para consigo e começa a sentir-se perdido.

Ah! Lá vem um grupo de pessoas. Falam alto entre si...

– *Não percebo patavina, porra!*

Atreve-se e dirige-se a um deles:

– Desculpe! O sr. não me sabe dizer sabe onde mora o Ladeira?

O interpelado e os outros dois que o acompanham param de conversar e olham para ele. Fazem caretas e movimentos de ombros que Custódio interpreta como querendo dizer: *Não entendo!* E continuam no seu caminho. Custódio ainda esteve para se pôr à frente deles e insistir: O Ladeira! O Ladeira que é português e anda nas obras! Mas não disse nem fez nada. Está claro que eles falam outra língua e não percebem a sua agonia... E voltou a ficar à espera de alguém que o entendesse...

Pronto! Aí vem mais outro grupo. São muito escuros, parecem negros, mas não têm carapinha. Custódio atreve-se, mais uma vez:

– Ó companheiros, vocês não conhecem o Ladeira? Um gajo como eu que anda nas obras?

Os filhos da puta dos negros começam a rir-se e nem param para lhe dar qualquer resposta! Avançam por sobre o seu desespero. Custódio começa a assustar-se e volta a falar consigo na esperança de uma solução... Evoca Deus que é quem está sempre à mão de quem já não tem mais ninguém a quem se agarrar:

– *Para onde é que eu vou agora, meu Deus!?!...*

Depois, quase num berro, já não evoca, interpela:

– Para onde é que eu vou?!...

Como Deus está surdo e mudo, Custódio começa a caminhar para trás e para diante!... Pára. Não vê mesmo mais ninguém! Volta a caminhar agora mais depressa, como se quisesse fugir de si próprio... E ninguém outra vez! Mais depressa, ainda: é quase já uma corrida de cá para lá e de lá para cá! E nem viva! A neblina embrulha-o e enregela-lhe os ossos.

Com quantas forças tem grita para todo o mundo e para ninguém:

– Ó Ladeira!... Ó Ladeira!... Ó LADEIRA!!!

Felizmente, lá vêm agora mais dois, do lado das luzes para o lado do escuro. Os que se aproximam, em vez de se abeirarem dele para ver o

que se passa e dar uma mão, desviam-se e estugam o passo. Lá na deles, consideram que o homem ou está bêbado ou é tolo! E a Custódio só lhe resta continuar:

– Ó LADEIRA!... Ó LADEIRA!... Ó LADEIRA!...

Está extenuado. Cala-se e o silêncio e a neblina tornam-se mais pesados: ao longe só o marulhar que vem da cidade dos “néones”!...

Senta-se no chão e desata a chorar como uma criança. Aquele é o momento mais difícil desde que saiu de casa. No que ele se foi meter! E rememora o inferno da travessia de Espanha e dos Pirenéus! Foi mau, mas lá, ao menos, tinha os outros e tinha algum dinheiro para as necessidades mais urgentes. Aqui estava mesmo sozinho e sem um tostão no bolso! Que fazer?!

Decidiu ir bater à porta de uma das casas/barracas mais próximas. Levanta-se e caminha na mesma direcção dos dois que se afastaram e nem para ele olharam. Quando chega junto da primeira casa/barraca, hesita. Não há outro remédio. Com os nós dos dedos farpeia a porta. Espera. Ninguém atende. Vai em frente; agora está diante de uma casa já com tijolo e cimento. Volta a bater. Passado algum tempo, a porta abre-se e aparece um homem em ceroulas que pergunta:

– Alors?!

Custódio não sabe se percebeu e responde desfeito em lágrimas:

– Ó meu rico senhor, eu sou português e ando à procura de um tal Ladeira que sei que mora em Chapigny, mas não sei onde!

O outro abriu-se num sorriso e retorquiu:

– O que anda na “manobra” e trabalha para o Estado?

– Esse mesmo, caramba!

E o sol de um sorriso rasgou-se na noite de Custódio.

– Esse mesmo, meu caro senhor! Conhece-o?

– Conheço-o, sim senhor. Espere aí que eu levo-o a casa dele!

E voltou para dentro a fim de se vestir. Custódio, mesmo sem ser convidado, foi atrás dele, de braços abertos:

– Ó meu amigo! Deixe-me dar-lhe um abraço! Obrigado! Obrigado!

E abraça o outro, com tanto de gratidão como de alívio. O outro aceita o abraço, mas tenta liberta-se...

– Tenha calma, homem, tenha calma que tudo se há-de resolver!

– Deus lhe pague! Deus lhe pague! E conte aqui com o Custódio Ribeiro, do lugar Candal, do concelho de São Pedro do Sul, como um amigo! Para sempre!

E o outro vestiu-se, ambos saíram de casa e o outro fechou a porta. Encaminharam-se para casa do Ladeira que ainda ficava um bocado afas-

tada. O samaritano bate à porta. O Ladeira abre e mal apareceu no limiar da porta, logo Custódio corre para ele e meio zangado, mas muito mais feliz, censura-o:

– Ó Ladeira, carago! Custou-me menos atravessar a Espanha do que dar com a tua casa!

E caíram ambos nos braços um do outro.

– Entra, pá, entra, estou à tua espera desde as cinco horas!...

E o tal bom samaritano que os juntou sentiu que já não era mais ali preciso e despediu-se simplesmente:

– Pronto! Está entregue! Boa noite!

Vai para se retirar. Custódio estende-lhe a mão que ele aceita. Custódio aperta-lhe a mão com a força de um homem:

– Obrigado, meu amigo! Conte com o Custódio do Candal! – e esmaga-o num abraço.

O outro limita-se a:

– Temos de ser uns para os outros... – e foi-se embora.

– Nem todos são!... – acrescenta Custódio. – Nem todos!

E o outro, com um aceno, perdeu-se na noite de Champigny. Custódio entra na casa do Ladeira que, enquanto fecha a porta, repete:

– Entra, entra e come alguma coisa!...

Custódio atira-se para cima de uma velha cadeira. Está num farapo!

– Há quinze dias que não sei o que é comer a sério, mas agora, só tenho sede e sono. Dá-me água e deixa-me dormir.

Ladeira deu-lhe um garrafão de água. Ele bebeu, bebeu, bebeu, como se estivesse a apagar o fogo da angústia que o havia transformado num candelo seco a arder.

Depois, atirou-se para um canto e adormeceu profundamente...

